

**U. PORTO**



FACULDADE DE DESPORTO  
UNIVERSIDADE DO PORTO

# **A Necessidade de Contextualizar a Dimensão Tática no Futebol**

Fernando Miguel Monteiro de Sousa Cardoso

Porto, 2006



## **A Necessidade de Contextualizar a Dimensão Táctica no Futebol**

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Alto Rendimento opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Mestre José Guilherme Oliveira

Fernando Miguel Monteiro de Sousa Cardoso

Porto, 2006

## **Ficha de Catalogação**

Cardoso, F. (2006): *A Necessidade de Contextualizar a Dimensão Tática no Futebol*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

**PALAVRAS-CHAVE:** TÁCTICA, CULTURA TÁCTICA, DIMENSÃO TÁCTICA, ORGANIZAÇÃO DE JOGO.

## Dedicatória

*“É impossível encontrar a origem de uma ideia, como é impossível encontrar a origem (e o fim) de uma percepção ou de uma descrição”*  
(Cunha e Silva, 1999)



## Agradecimentos

**Aos meus pais**, professores da área da vida, que me ensinaram a viver. O que sou, a eles o devo. **Ao meu irmão e avós** por estarem sempre presentes. **À Joana** pois só pelo amor o homem se realiza plenamente.

**Ao amigo Duarte Nuno** pela amizade, pela partilha de uma causa e pela riqueza dos momentos passados. **Aos amigos e jogadores** do Departamento de Futebol de Formação do F.C.Penafiel, que acompanho há três anos, e que tanto me ensinaram.

**Ao professor Vítor Frade** por se constituir o maior acrescento científico, filosófico e humano a todos os que têm o privilégio de se cruzar pelo seu caminho. O percurso nunca seria o mesmo sem ele.

**Ao professor José Guilherme** pois se este trabalho está concluído, se esta etapa terminou, a ele o devo por nunca a dar como terminada.

**Aos amigos** que se sentam comigo à mesa, que sorriem com a minha felicidade, se entristecem com as minhas tristezas e que constroem o que de melhor levamos desta vida.



## Índice Geral

<b>Dedicatória</b>	III
<b>Agradecimentos</b>	V
<b>Índice Geral</b>	VII
<b>Índice de Quadros</b>	IX
<b>Índice de Figuras</b>	X
<b>Resumo</b>	XII
<b>Introdução</b>	1
<b>1 - O Tático como orientador de todo o processo, catalizador do rendimento colectivo</b>	3
1.1 - Entendimentos Tácticos	4
1.2 - Cultura de Jogo e de Treino	9
1.3 - A Assertividade da Acção Táctica	14
1.3.1 - Interações Inteligíveis	15
1.3.2 - Critério Emocional	17
1.3.3 – Intenções em Acto	20
1.4 - Tático Castrador ou Catalizador do Rendimento Individual?	24
<b>2 - A Concepção das Aprendizagens</b>	27
2.1 - Periodização Convencional	29
2.2 - Treino Integrado	31
2.3 - Periodização Táctica	33
<b>3 - Criar uma Identidade Colectiva e Individual</b>	35
3.1 - O Tático ...do Geral ao Específico.	37
3.1.1 - Organização de Jogo	37
<b>4 - Objectivos</b>	41
<b>5 - Material e Métodos</b>	43
5.1 - Descrição e Caracterização do Estudo	43
5.2 - Metodologia de Investigação	43
5.3 - Recolha de Dados	43
5.4 - Materiais Utilizados	44
<b>6 - Apresentação e Análise da Entrevista</b>	45

6.1 – Entendimento tático	45
6.2 – Um Modelo de Jogo configurador de inteligência	46
6.3 – Organização da identidade	47
<b>7 – Conclusões</b>	51
<b>8 - Referências Bibliográficas</b>	53
<b>9 – Anexos</b>	57

## Índice de Quadros

Quadro 1 - Definições de Tática propostas por diferentes autores	4
--	---

## Índice de Figuras

Fig.1 - Resumo do processamento das Intenções em acto	22
Fig.2 – Organização do Modelo de Jogo	38

## RESUMO

O entendimento tático que um treinador possui é caracterizador do modo como aborda o jogo e o treino. Partindo desta premissa, revela-se pertinente compreender de que forma pode ser diverso o entendimento subjacente à dimensão tática.

Para possibilitar um melhor esclarecimento relativamente ao que poderá ser a dimensão tática, julgamos ser importante contextualizar a mesma, de modo a torná-la mais perceptível.

Face ao enunciado, foram definidos os seguintes objectivos para o presente estudo: (1) verificar a necessidade de contextualização da dimensão tática; (2) evidenciar a carência de um Modelo de Jogo como contextualizador da dimensão tática.

No intento de responder aos mesmos, foi efectuada uma pesquisa bibliográfica e documental, no sentido de seleccionar a informação disponível que melhor pareceu enquadrar-se com o tema em apreço, assim como, uma entrevista ao professor Vítor Frade.

Do balanço efectuado entre a revisão bibliográfica e as entrevistas foi possível constatar que: existem diferentes tipos de interpretação tática não condizente com o entendimento do entrevistado, Prof. Vítor Frade. Para o mesmo, esta deve ser entendida como o resultado da interacção entre as restantes dimensões técnicas, físicas e psicológicas. Deste modo, concluímos que o modelo de jogo é fundamental para a contextualização da dimensão tática, uma vez que será o mesmo a articular as interacções das respectivas dimensões.

O contributo que procuramos fornecer com a elaboração deste trabalho, prende-se com a contextualização de um tema determinante para o Futebol. Assim, um melhor entendimento sobre este tema é gerador de uma maior competência no âmbito desportivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** TÁCTICAR, CULTURA TÁCTICA, DIMENSÃO TÁCTICA, ORGANIZAÇÃO DE JOGO.



## INTRODUÇÃO

O Futebol pertence a um grupo de modalidades com características comuns, habitualmente designadas por jogos desportivos colectivos. Face a essa característica, a dimensão táctica é reconhecidamente considerada como determinante para a coordenação entre os elementos de uma equipa, com vista a atingir determinados objectivos.

Apesar da importância reconhecida a esta dimensão, a mesma padece de múltiplas interpretações. Ao longo das várias definições encontradas, podemos verificar que as mesmas apresentam-se pouco contextualizadas, o que parece levar a dificuldades no momento da sua compreensão e na percepção do seu verdadeiro valor.

Deste modo, estabelecemos como objectivos deste trabalho averiguar a necessidade de contextualização da dimensão táctica para uma melhor compreensão da mesma, assim como, evidenciar a carência de um Modelo de Jogo como contextualizador da dimensão táctica.

Nesse sentido, o presente estudo assenta na procura de um esclarecimento sobre a mesma. A parte da revisão bibliográfica do trabalho baseou-se numa pesquisa bibliográfica, no sentido de juntar e articular a informação que melhor enquadra e sustenta a problemática em estudo.

Num primeiro momento verificamos que, apesar de serem várias as definições sobre táctica, o seu entendimento deverá ser mais abrangente pois, este ao concretizar-se, é o resultado de um processo que o prepara e que tem em perspectiva determinados propósitos. Assim, no sentido de compreender a preparação das equipas temos de reconhecer que a forma como “vêmos” o jogo e o treino é resultante do entendimento táctico que possuímos. Nesse seguimento, procuramos num segundo momento compreender de que forma se entende a dimensão táctica e como se operacionaliza esse entendimento.

Por fim abordamos alguns dos pressupostos que contextualizem a dimensão táctica e que se devem ser tidos em conta no momento da organização táctica de uma equipa. Para a concretização dos nossos

objectivos, elaboramos uma entrevista ao professor Vítor Frade na procura de um esclarecimento à problemática em questão.

Assim, o presente estudo será estruturado pelos seguintes pontos:

- O primeiro, a “introdução”, tem como objectivos: apresentar e justificar a pertinência do estudo, delimitar o problema e definir os objectivos;
- O segundo e terceiro ponto consiste numa revisão da literatura relacionada com o tema em apreço;
- No quarto ponto são apresentados os objectivos do presente estudo;
- No quinto ponto, descrição do material e da metodologia adoptada;
- No sexto ponto temos a apresentação e análise da entrevista;
- No sétimo ponto, apresentar-se-ão as conclusões;
- No oitavo ponto, serão indexadas todas as referências bibliográficas mencionadas no texto dos pontos anteriores;
- No nono ponto, serão anexadas as entrevistas efectuadas.

## REVISÃO DA LITERATURA

### 1- O TÁCTICO COMO ORIENTADOR DE TODO O PROCESSO, CATALIZADOR DO RENDIMENTO COLECTIVO

*“O futebol deverá ter como núcleo director a dimensão táctica do jogo porque é nela e através dela que se consubstanciam os comportamentos que ocorrem durante uma partida”*  
(Garganta, 1997).

Tal como Garganta salienta, a dimensão táctica é causadora de comportamentos e é por estes que o jogo se desenvolve. Nesse sentido, a dimensão táctica condiciona de uma forma importante a prestação dos jogadores e das equipas. Ainda como salienta Guilherme Oliveira (2004) devemos entender por dimensão táctica o resultado da interacção entre as diferentes dimensões. Se para corresponder taticamente tenho de estar no sítio certo, no momento certo (implica movimento), com a capacidade para responder (tecnicamente) dentro de uma intenção colectiva então a dimensão táctica por si só não existe. Ela existe pela interacção das outras dimensões.

No mesmo sentido, Graça (1994:29) refere que “Face ao jogo de Futebol, tal como em qualquer outro jogo desportivo colectivo, o problema primeiro que se coloca ao indivíduo que joga, é sempre de natureza táctica, isto é, o praticante deve saber o que fazer para poder resolver o problema subsequente, o como fazer, seleccionando e utilizando a resposta motora mais adequada.”

A concepção que um treinador/professor tem de táctica pode ser, como iremos ver mais adiante, diferente, assim como tão diversa se torna a sua operacionalização. Contudo, apesar de existirem diferentes concepções, acreditamos que todos os treinadores têm uma ideia de jogo sobre como querem que a sua equipa jogue. Umas ideias mais “ricas”, outras mais “pobres”, as “contextualizadas” e as “descontextualizadas”.

## 1.1 ENTENDIMENTOS TÁCTICOS

*“Todas as generalizações são perigosas, inclusivé esta!”*  
(Frade,1985)

A constante procura de elevar o rendimento desportivo das equipas proporcionou ao longo dos tempos o desenvolvimento de diferentes metodologias e por sua vez diferentes concepções de ensino. Como afirma Pinto, J. (1996:51) “O rendimento no futebol foi ao longo da sua história valorizando factores diferentes: primeiro a “técnica” e posteriormente a “condição física” tiveram pesos muito significativos na eficácia do jogo”.

Actualmente parece consensual que a dimensão táctica desempenha um papel relevante no alcançar desse objectivo. Ainda como salienta Pinto, J. (1996:60) “A táctica como pólo coordenador e aglutinador dos diferentes factores do rendimento vem assumindo cada vez mais, o papel de principal gerador de rendimento. A formação táctica desempenha assim um papel determinante na formação dos jogadores de futebol”

Tendo como objectivo a elevação do rendimento/desempenho desportivo torna-se pertinente compreender de que forma a dimensão táctica se manifesta em jogo/treino. No entanto, as definições sobre táctica, assim como os seus entendimentos, são tão variadas como diversas.

Quadro 1 – definições de táctica propostas por diferentes autores.

(Elaborado a partir de Garganta; Oliveira, J.1995)

Autor / Data	País	Definição
Clausewitz, 1963	Alemanha	Táctica é a formação e condução dos combates...levando em conta a acção recíproca.
Zech, 1971	Alemanha	Comportamento racional, baseado na capacidade de rendimento desportivo próprio e adverso e nas condições exteriores, num confronto individual ou por equipas.

Teodurescu, 1977	Roméia	Totalidade das acções individuais e colectivas dos jogadores numa equipa, organizadas e coordenadas racionalmente e de uma forma unitária nos limites do regulamento do jogo, com vista à obtenção da vitória.
Letzelter, 1978	Alemanha	Desenvolvimento dos planos de acção e tomadas de decisão que delimitadas temporalmente, por um conjunto de acções na competição, permitem o êxito.
Kirkov, 1979	URSS	Utilização racional das acções individuais de grupo e colectivas contra um adversário com o fim de alcançar o melhor resultado.
Zerhouni, 1980	França	Acções individuais e colectivas dos jogadores numa equipa, limitadas no tempo e no espaço e realizadas em função das situações de jogo.
Parlebas, 1981	França	Aplicação concreta de meios de acção.
Hagerdon et al., 1982	Alemanha	Sistema de planos de acção e alternativas de decisão para cumprir objectivos temporalmente delimitados, regulando acções de curto prazo para obter êxito momentâneo sobre o adversário.
Konzag, 1983 <sup>a</sup>	Alemanha	Normas e comportamentos que servem para a utilização óptima em competição dos pressupostos condicionais, motores e psíquicos, tendo em conta o modo de jogar do adversário e outras condições. (instalações e regras,...)
Wrzos, 1984	Polónia	A táctica constitui a forma reflectida, racionalizada e económica e planificada de conduzir o confronto desportivo.
Duricek, 1985	Checoslováquia	Eleição dos meios para realizar o plano

		estratégico.
Schock, 1985	Alemanha	Utilização das capacidades psíquicas, físicas e das habilidades motoras segundo as condições da competição.
Matweiew, 1986	Rússia	Arte da condução da luta desportiva. Uso dos métodos de condução da competição que permitem utilizar com eficácia capacidades e aptidões vencendo a oposição.
Gréhaigne, 1992	França	Métodos de acção próprio do sujeito em situação de jogo através do qual este utiliza ao máximo constrangimentos, a incerteza e a imprevisibilidade do jogo.
La Rose, 1992	Canadá	Apelo à manipulação mecânica dos recursos dos atletas no sentido de atingir os objectivos impostos pela estratégia.
Godet, 1993	França	Utilização dos meios disponíveis. Conjunto de decisões contingentes e anti-aleatórias a tomar, segundo os diferentes contextos de evolução possíveis, para alcançar objectivos.
Moreno, 1993	Espanha	Acções de ataque e de defesa que se podem realizar para surpreender ou contrariar o adversário, durante uma partida e com a bola em jogo.
Mércier & Gross (s.d.)	França	Arte de colocar e fazer manobrar a equipa sobre o terreno de jogo. Aplicação prática de alguns elementos da estratégia.
Dicionário de língua Portuguesa		Forma hábil de conduzir um jogo ou um negócio; arte de dispor as tropas no terreno onde devem combater.

Segundo as definições apresentadas anteriormente podemos verificar que as mesmas se apresentam descontextualizadas.

Ainda como refere Gréhaigne (1992:143) “O desenvolvimento da atitude táctica supõe o desenvolvimento da atitude de decidir e de decidir rapidamente, estando esta dependente da atitude de conceber soluções. Quer dizer que o desenvolvimento das possibilidades de escolha necessita do desenvolvimento de conhecimentos”.

Ainda segundo o mesmo autor este conhecimento refere-se:

- (1) Aos sujeitos da acção, ou seja aqueles que se enfrentam
- (2) Às condições em que se desenvolve o confronto
- (3) À relação intrínseca com os objectivos
- (4) Ao carácter sistemático reflectido nos planos e alternativas para a resolução dos problemas colocados.

Contudo os conhecimentos apresentados pouco indicam no sentido de criação de uma determinada forma de jogar.

Ainda Waïneck, citado por Ferreira (2001:2), entende a táctica como o comportamento racional regulado pela própria capacidade de rendimento do praticante, do adversário e das condições exteriores, no confronto individual ou colectivo. Desta definição levantamos outra questão, o que é o comportamento racional? Como se manifesta quando um jogador tem de decidir rapidamente e sob pressão espaço-temporal? Quando surge uma resposta por um hábito adquirido, por intuição ou por memorização da resposta? Foi um comportamento racional, reflectido, onde se colocou todas as outras possibilidades de acção antes de se escolher a melhor? Parece-nos que não, que o comportamento táctico vai muito além do que é racional.

Teodorescu (2003:32) tem um entendimento complementar daquilo que já foi dito acerca da táctica, devendo esta, para este autor, ser entendida como “a totalidade das acções individuais e colectivas no domínio da preparação técnica, física, psicológica e teórica, bem como outras medidas específicas – dos jogadores de uma equipa – seleccionadas, organizadas e coordenadas unitariamente, com vista à sua utilização racional e oportuna no jogo (dentro dos limites e dos regulamentos e do desportivismo) e com o objectivo da obtenção da vitória”. Noutro entendimento, alguns autores (Frade, 1998; Faria, 1999) salientam que o objectivo da táctica deverá ser o colocar a equipa a jogar

de um determinado modo, que potencie a qualidade de jogo da sua equipa e que por consequência possa estar mais próxima da vitória. Podemos verificar também, que a tática deve ter/ser uma referência e um critério, tornando-se específica de uma forma de jogar. Segundo Frade (1998:1) “o tático não é físico, não é técnico, não é psicológico, não é estratégico, mas precisa dos quatro para se manifestar, ou seja, quando se diz que não se divide tem-se consciência de que o crescimento tático, tendo em conta a proposta de jogo a que se aspira, ao realizar-se ao operacionalizar-se, vai implicar alterações ao nível técnico, isto é, há que ter consciência que o tático tem a ver com a proposta de jogo que se pretende, mas não é um tático abstracto”

No mesmo entendimento Guilherme Oliveira (2004:122) refere que “deve-se entender Tática não apenas como uma das dimensões tradicionais do jogo mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras. Assim, a dimensão tática funciona como a interacção das diferentes dimensões, dos diferentes jogadores e treinadores, e dos respectivos conhecimentos que estes evidenciam...É o elo de ligação que dá sentido e sentimento ao jogo, promovendo uma Especificidade de jogo, uma vez que o jogo é muito mais que um somatório de ocorrências, é um enredo que se pretende criado dessas ocorrências, que, em consequência, promove a criação e o desenvolvimento de conhecimentos colectivos e individuais que lhe são próprios e que vão permitir a melhoria qualitativa de jogo, colectiva e individual”.

Ainda como salienta Guilherme Oliveira (2004) a tática não é o resultado de uma série de conhecimentos didácticos mas que necessita ser específica de uma concepção que confira ao jogo uma identidade própria e única. Também para Castelo (1996:6) é algo mais, “Tática não significa somente uma organização em função do espaço de jogo e das missões específicas dos jogadores, esta pressupõe em última análise, a existência de uma concepção unitária para o desenrolar do jogo, ou por outras palavras, o tema geral sobre o qual os jogadores concordam e que lhes permite estabelecer uma linguagem comum.” Tal como salienta Frade (1998) ao considerar a tática como a aquisição de uma determinada cultura de jogo.

Destas diversas interpretações de tática parecem resultar dois entendimentos que se distinguem pela existência ou não de um critério. Num primeiro entendimento podemos verificar a existência de uma interpretação tática de forma abstracta ou global e num segundo entendimento podemos verificar uma interpretação tática específica que assume o modelo de jogo como o critério de todo o processo.

## **1.2 CULTURA DE JOGO E DE TREINO.**

“O modelo de jogo é a necessidade de eu em termos de modelação conseguir que toda a gente fique a ter o mesmo sentimento, a mesma efectividade, a mesma emotividade e a mesma compreensão dos aspectos essenciais, e por isso modelo de jogo é qualquer coisa de cultural... o modelo só é concreto se estiver em sintonia com a cabeça dos jogadores”  
(Frade, 1998)

Na procura de compreender o que significa uma cultura recorreremos às palavras de Morin (1989), citado por Freitas (2005:82) nas quais refere que a “Cultura não é um mero suplemento de que usufruem as sociedades humanas em contraste com as sociedades animais. É ela que institui as regras – normas que organizam a sociedade e governam os comportamentos dos indivíduos; constitui o capital colectivo dos conhecimentos adquiridos, dos saberes práticos apreendidos, das experiências vividas, da memória histórico-mítica, da própria identidade de uma sociedade.”

Uma cultura é visível pelo comportamento de uma sociedade ou de um indivíduo, isto porque existe uma relação dialéctica entre ambos. A sociedade é formada pelos indivíduos que a formam e que por sua vez exteriorizam a sociedade na qual estão inseridos. Logo, a necessidade de um modelo de jogo na preparação das equipas é fundamental para a organização das mesmas. Este modelo representa um conjunto de valores ou regras que as organizam, conferindo uma identidade colectiva e ao mesmo tempo individual. No mesmo sentido, quando Guilherme Oliveira (2006:III) se refere a um modelo de jogo

denomina-o de “modelo de jogo recriado”, pois preserva a mesma dialéctica entre equipa e jogador. Para que a equipa exteriorize o modelo de jogo os jogadores devem interiorizar esse mesmo modelo. Do mesmo modo, essa equipa exterioriza as características individuais dos jogadores uma vez que estes emprestam criatividade, inovação e as suas características ao Modelo de Jogo.

Assim sendo, podemos comparar o Modelo de jogo a uma cultura que possui um conjunto de “regras – normas que organizam a sociedade” no entanto esse não é concreto, é apenas conceptual. Mas é a partir desse Modelo de jogo que o treinador deverá guiar todo o seu processo de treino com vista a um determinado tipo de cultura. Esse Modelo constitui-se como um guião que irá dar um sentido ao processo de treino com vista a um conjunto de regularidades colectivas e individuais.

Assim, assume-se como fundamental para os jogadores ter um conhecimento das componentes do Futebol, que serão melhores quanto maior for a sua cultura táctica, definida por Frade (1990,Cit. Faria 1999:19) como sendo um “ guia de escolhas de acção, referenciado ao conjunto de valores e percepções que decorrem do corpo de significações criado [princípios regras e modelos de jogo].” Ainda segundo o mesmo autor, (1998:3) “o modelo de jogo como objectivo final deve estar constantemente a ser visualizado, ou seja, mantendo-se o futuro como elemento causal do comportamento”. Procura-se com o treino modelar as interacções entre os jogadores, durante os quatro momentos do jogo (organização defensiva – organização ofensiva e as respectivas transições entre os momentos) tendo como guião de todo o processo o modelo de jogo, com a intenção de sintonizar as “cabeças” dos jogadores.

Segundo Berger, P & Luckman, T. (2004:182) “A identidade permanece ininteligível a não ser quando situada num mundo. Qualquer teorização sobre a identidade e sobre os tipos específicos de identidade tem portanto de fazer-se no quadro das interpretações teóricas em que estão localizados.” Assim sendo, a identidade a que nos referimos é a identidade do jogar. Esta pode ser influenciada por vários aspectos, no entanto, acreditamos que a dimensão mais

influyente de todas deverá ser sem dúvida o treino enquanto criador de um jogo/cultura. E é neste sentido que Paulo Bento (2006:2) afirma “Hoje o Sporting joga com identidade, porque tem identidade a treinar.” No mesmo sentido Martins (2002:28) salienta que “A “construção” da atitude/cultura tática que é exigida ao jogador e o desenvolvimento das possibilidades de escolha depende do conhecimento que este tem do jogo, o que significa que a sua forma de actuação está bastante condicionada pela forma como ele concebe e percebe o jogo e da forma como este lhe é apresentado sendo, portanto decisiva a influência do Modelo de Jogo e a forma de preparação utilizada pelo treinador.”

A importância do modelo de jogo revela-se determinante no sentido de unir culturas num projecto colectivo, tal como, a coerência entre esse modelo de jogo e a sua forma de preparação. Ainda, segundo Artur Jorge, (s.d.) “os jogadores de alto nível, vulgo «jogadores de exportação» deveriam ser, naturalmente, indivíduos com grande cultura tática e nestas circunstâncias, as «situações-problemas» que teriam de enfrentar seriam fundamentalmente do domínio estratégico e de «entrosamento». Verifica-se porém que a realidade é bem distinta!”

Podemos verificar que a cultura de jogo de uma equipa deve ser operacionalizada através de um modelo de jogo que vise a integração de todos os jogadores num mesmo entendimento. Para Guilherme Oliveira (2006:VIII) “A cultura de jogo é o entendimento de jogo que os jogadores têm e a forma como é utilizado em prol de um projecto colectivo de jogo”. No mesmo entendimento Frade (1998:2) refere que “Em princípio os jogadores de top têm uma cultura de jogo alargada, mas em relação aos pormenores da cultura de jogo pode não ser assim, por exemplo, grande parte dos jogadores portugueses de top, o simples cruzamento é uma coisa totalmente diferente do que é para o brasileiro. Para o brasileiro é um tipo diferente de passe, para o português na generalidade não é. Isto tem a ver com o modelo, eu tenho que definir estas coisas.”

A cultura de jogo pertence também a uma escala maior do que a de uma determinada equipa, como refere Valdano (1998:35) “Creio, sim, que na

aprendizagem deste jogo há uma ciência inconsciente feita de sabedoria acumulada. E que essa informação está relacionada com os sítios de nascimento, com a memória colectiva e, para não divagar mais, até com o código genético. Um miúdo brasileiro recebe um legado bem diferente do de uma criança inglesa. Esta pergunta assalta-me quando vejo a Inglaterra, que tem a intenção de civilizar o seu futebol nobre, generoso, mesmo jurássico. É como algo incontornável estivesse entre a sua nova tentativa e o seu velho estilo. Querem jogar curto, mas estão à muito habituados a olhar para longe; pretendem toques suaves, mas castigam a bola disparando-a com demasiada força; tentam ser pausados, mas o corpo clama por intensidade... A tudo isto, soma-se mais um problema para fazer a revolução: o jogador britânico é demasiado sincero para o futebol de pequenos passes.” Ainda dentro do mesmo entendimento poderemos concordar com Figueiras, L (2004) quando este salienta que as concepções e modelos de jogo são condicionados pela cultura e valores vigentes na sociedade em que se insere e assim, se a cultura dos povos se altera ao longo dos tempos, também esses necessariamente se alteram. Deste modo podemos verificar que esta dialéctica (ou interacção) entre a cultura e a cultura de jogo também se verifica.

O modelo de jogo deverá ter em consideração a cultura em que se insere de forma a potenciar uma identidade com uma forte integridade pois, tal como refere Morin, (2004:23) “Uma cultura deve, ao mesmo tempo, abrir-se e fechar-se. Fechar-se no sentido em que deve manter a estrutura, a identidade – porque a abertura total é a decomposição. Porém, abrir-se continua a ser a única maneira de se enriquecer, ou seja, integrar algo novo sem se deixar desintegrar.” É nesse sentido que deverá existir uma adequação do modelo de jogo a essa mesma cultura de jogo, tal como refere Guilherme Oliveira (2006:VIII) “se eu estou a treinar em Inglaterra ou se estou a treinar no Brasil, são coisas completamente diferentes em que eu tenho que perceber que as culturas desses países vão ter implicações directas a vários níveis: no entendimento dos jogadores, no envolvimento das massas associativas e o modelo de jogo tem de ter em consideração essas especificidades culturais.”

Apesar de ser o treino a principal forma de construção de uma cultura de jogo, pois é nesses momentos que ela deve ser recriada, existem outros aspectos que também influenciam essa construção da realidade. De forma a sermos coerentes com algumas decisões, que como treinadores tomamos, devemos potenciar e respeitar essa cultura. Por exemplo, aquando a escolha do capitão da equipa esta deverá ser adiada tempo suficiente para que se crie uma cultura de treino de forma a que os jogadores tenham tempo de se integrarem e de se criar um ambiente de aprendizagem estável. Então existirá um maior número de sinais que identificam o líder da equipa dentro desse contexto. Tal como salienta Goleman, D. (2003) não existe um líder universal, mas sempre reconhecido num contexto específico. Portanto, é a realidade dos contextos que determina o tipo de liderança.

Pelo exposto poderemos afirmar que a cultura não é algo de único e que possui diferentes dimensões, como a macro-dimensão dos “sítios de nascimento”, da dimensão da “Cultura Tática de Clube” que por sua vez é dimensionada pelos diferentes “modelos de jogo como qualquer coisa de cultural”. Acreditamos que a cultura de treino modela uma cultura de jogo e no mesmo sentido Mourinho (2005), citado por Freitas (2005:82), quando questionado sobre a menor concentração dos jogadores latinos, poder ser cultural, refere que “não sei, sinceramente não sei se é uma questão de cultura, acho que é uma questão de hábitos, de treinos e de rotinas e se calhar os jogadores latinos há uns anos eram menos responsabilizados, tinham um tipo de treino menos metódico, menos organizado, menos rigoroso e talvez isso se tenha transformado em questões culturais, mas acho que isso é perfeitamente possível de mudar”. Ou ainda como refere Frade (1998:3), “O Futebol tem portanto uma geografia, uma história, não é um fenómeno natural mas sim construído, sendo necessário tempo para o construir.”

Desta forma, a capacidade e forma do jogar implica um conjunto de saberes. Tal como refere Frade (1989), citado por Guilherme Oliveira (2004:41), “«um saber fazer e um saber sobre um saber fazer». Relativamente ao «saber sobre um saber fazer», este implica dois tipos de conhecimento. Por um lado, um conhecimento tático técnico abrangente, que funciona como uma

cultura tática de jogo, permitindo entender, perceber e expor a opinião acerca do que pode e deve ser feito. Por outro lado, um conhecimento que está relacionado com uma auto e hetero-interpretação de um projecto de jogo colectivo e que permite a evolução, colectiva e individual, através da interacção entre a cumplicidade e a divergência das interpretações e acções dos jogadores.”

### **1.3 - ASSERTIVIDADE DA ACÇÃO TÁCTICA...E AS SUAS ORIGENS**

*“A aprendizagem consiste, num sentido, em fazer significar acontecimentos, em transformar o acontecimento-ruído em acontecimento-sinal, ou mesmo em acontecimento-signo: o ruído é transformado pela aprendizagem em sinal”*  
Frade (1985)

Se soubéssemos a fórmula para construir jogadores que estivessem no sítio certo, no momento certo, com a intenção certa e com a capacidade para a executar dentro de um projecto colectivo de jogo, a profissão de treinador jamais teria a mesma paixão e mistério. Sem termos a pretensão de descobrir como surgem as melhores decisões nem como funciona a transcendência resultante dos biliões de interacções entre os neurónios do “corpo” humano, apresentamos algumas abordagens no que concerne ao acto de decidir especialmente em crise espaço-temporal.

No entanto, a profundidade com que esses estudos serão abordados será a suficiente para que no conjunto sirvam de argumentos para posteriores reflexões.

### 1.3.1 - Interacções inteligíveis

*“O principal órgão da visão é o pensamento.  
Vê-se com as nossas ideias...  
e vai identificar-se no real aquilo que o nosso pensamento já tinha, previamente a  
intenção de encontrar.  
O pensamento é, assim, um organizador da percepção do real”  
Boris Cyrulnik (2004)*

Durante o treino ou jogo a informação que o jogador percepção é imensa e encontra-se em contínua alteração, tornando inviável a sua capacidade para receber toda a informação e todos os estímulos com o mesmo valor e atenção. Tal como Cunha e Silva (1999:57) refere “a percepção é já uma construção subjectiva, é uma significação, logo um processo activo, e não uma mera atitude contemplativa.” Dessa forma, a percepção que um indivíduo tem da realidade hierarquiza a importância dos estímulos que recebe segundo as variáveis do contexto e dos objectivos a que se propõe em cada momento.

Segundo um estudo realizado por De Groot (1996,cit. Guilherme Oliveira, 2004:61) em que se procurou encontrar as diferenças entre os jogadores mais experientes e os jogadores principiantes “demonstrou que o que diferenciava os expertos dos principiantes era a capacidade de escolher o melhor caminho para a solução, sem considerar todos os outros caminhos possíveis. O mesmo autor descobriu também que os mestres de xadrez quando visualizavam uma determinada posição no tabuleiro de xadrez, por um tempo restrito, cinco segundos, eram capazes de reproduzir com grande rigor essa posição, enquanto que os jogadores principiantes não o faziam. Essa capacidade não era derivada de uma capacidade visual ou de memória visual específica superior, uma vez que, quando eram apresentadas posições escolhidas ao acaso, os mestres apresentavam desempenhos semelhantes aos principiantes”. Verificou-se que os primeiros eram capazes de identificar um padrão de interacção, uma ordem lógica num curto espaço de tempo e de uma forma mais rigorosa do que os jogadores iniciados. No entanto, se esse padrão fosse criado de forma aleatória as diferenças entre ambos os jogadores eram praticamente inexistentes. Podemos assim reconhecer a importância das

interacções inteligíveis entre as peças (jogadores de futebol) no momento da percepção e da sua posterior memorização.

Tal como salienta Daniel Pendick (2005) os melhores concorrentes em competições de memória socorrem a estratégias mnemónicas de forma a dotar de algum sentido a informação aleatória que têm de memorizar. Uma das provas da competição consiste memorizar um conjunto de cartas dispostas de forma aleatória, entre dois a três baralhos de cartas, em cinco minutos, sendo dado um tempo igual para as recordar e colocar um baralho ordenado com a sequência dos baralhos memorizados. A estratégia utilizada para a rápida memorização é a criação de uma imagem mental para cada carta, mas que seja de fácil ligação à próxima carta, construindo desta forma uma “história” de imagens interligadas.

Cada competidor possui o seu método próprio de memorização para cada prova. As estratégias mnemónicas são essencialmente baseadas num conceito que visa a elaboração de uma codificação. Defendem que quanto maior for o significado de alguma “coisa” mais fácil se torna a sua lembrança. No mesmo sentido, Joshua Foer (2005) salienta que o cérebro não está preparado para recordar símbolos abstractos mas sim imagens visuais vividas e assim sendo, a melhor forma de memorizar sinais abstractos ou informação aleatória, é associar cada símbolo a uma imagem visual viva. No entanto, para que a informação se mantenha em ordem os concorrentes têm de associar as imagens numa cadeia, numa ordem lógica. Dessa forma, a construção de uma “história de imagens” organiza um conjunto de informação dispersa e abstracta numa interacção inteligível entre imagens. Pelos exemplos referidos, podemos concordar que a memória não funciona apenas sob a forma de uma imagem, de uma fotografia mental, mas sim de interacções. Mais uma vez, podemos reconhecer a importância das interacções inteligíveis no momento da percepção e memorização ao concluir pelos melhores desempenhos.

Os exercícios de treino devem então transformar o jogo numa interacção inteligível para que a percepção e auxílio da memória sejam mais eficazes. Esses exercícios de treino devem possuir semelhança nas interacções que provocam de forma a que a “imagem vivida” se insira sempre dentro de uma

inteligibilidade. O Modelo de jogo ao se constituir como guião do processo de treino define pelo princípio da especificidade a inteligibilidade do processo. Ainda como refere Caldas (2006:32) “Decorar os afluentes do rio, por exemplo. As pessoas dizem agora que não é preciso para nada [...] Mas se os decorar, o que não custa nada, com essa matriz, se resolver ser médico, torna-se mais simples e rápido decorar os ramos das artérias, é parecido e tenho lá a matriz.”

No entanto, deverá existir um critério que valorize mais umas interações em detrimento de outras, para que a solução encontrada se situe dentro de uma determinada lógica colectiva. Os jogadores terão de possuir um afinador/critério que distinga a informação e a hierarquize num formato de leitura mais acessível num curto espaço de tempo. Entre esse turbilhão de informação que se encontra no envolvimento, o jogador deverá encontrar uma solução que faça parte de um projecto colectivo de jogo, com uma determinada lógica. Tal como refere Castelo (1994:22) os jogadores avaliam as suas possibilidades de êxito, preparando mentalmente a sua acção futura e orientando-se para respostas que sejam previsíveis aos olhos dos companheiros e imprevisíveis aos dos adversários.

Logo, para que a solução encontrada por um jogador seja previsível a outro elemento da sua equipa terá de existir um critério comum no momento de hierarquizar as interações mais importantes e decidir.

### **1.3.2 - Critério emocional**

Os trabalhos do Neurobiologista António Damásio vêm acrescentar um melhor entendimento entre percepção, memória, e aprendizagem. O autor destaca a importância das nossas emoções na aprendizagem e nas decisões. Refere que todos os estímulos que recebemos do meio externo e do meio interno são geradores de emoções. Nesse sentido, as experiências que vivenciamos são catalogadas com emoções. É essa catalogação que irá conferir uma verdadeira experiência pois, se experimentássemos tudo como se fosse pela primeira vez não teríamos adquirido experiência. É baseada nessa experiência (emocional) que muitas vezes tomamos decisões sem colocarmos

em questão todas as possibilidades. Segundo o autor (2001:122) os nossos pensamentos são “imagens”, onde se manifesta a participação dos cinco sentidos e refere que “as imagens são provavelmente o principal conteúdo dos nossos pensamentos, independentemente da modalidade sensorial em que são geradas e independentemente de serem sobre uma coisa ou sobre um processo que envolve coisas; ou sobre palavras ou outros símbolos, numa dada linguagem, que correspondem a uma coisa ou a um processo.” Ou seja, entendemos uma imagem mental não como o formato de uma fotografia mas como a interação dos sentidos envolvidos e que dão vida a essa imagem. Essas imagens, podem ser evocadas pela memória, quando recordamos alguém ou pensamos em algo que iremos fazer no futuro, ou podem ser imagens perceptivas segundo a estimulação vinda do exterior. No entanto, quando visualizamos algo (percepção directa) fazemo-nos acompanhar por imagens evocadas. Tal como refere Damásio (2001:124) “As imagens que reconstituímos por evocação ocorrem lado a lado com as imagens formadas segundo a estimulação vinda do exterior. As imagens reconstituídas a partir do interior do cérebro são menos vividas do que aquelas que são induzidas pelo exterior.” Ou seja, quando percebemos directamente algum objecto, ou paisagem, existem outras imagens que produzimos mentalmente como forma de pensamento sobre essas imagens. Essas imagens evocadas, ao possuir uma carga emocional associada, são direccionadoras de decisões. Tal como refere Damásio (2001:184) na sua hipótese de Marcadores-Somáticos “como a sensação é corporal, atribui ao fenómeno o termo técnico de estado somático (em grego, soma quer dizer corpo); e, porque o estado «marca» uma imagem, chamo-lhe marcador.” É em função das emoções associadas a cada imagem que as nossas decisões são fortemente influenciadas, principalmente em situações de crise espaço-temporal. É importante notar que o sinal emocional não é um substituto do raciocínio, mas representa um papel importantíssimo principalmente na sua rapidez e eficiência em decisões tomadas em curto espaço de tempo. De uma forma breve, podemos concluir que o sinal emocional marca as nossas decisões e consequências com uma carga positiva ou negativa em função dos resultados que as nossas decisões tiveram. Essa

carga reduz o espaço de decisão e acumula uma maior probabilidade das decisões resultarem de acordo com a experiência que tivemos no passado. Ainda segundo Damásio (2003), o sinal emocional pode direccionar os mecanismos de decisão no sentido de seleccionar a escolha que, por exemplo, levará à melhor das consequências dada a experiência anterior. Do que está exposto podemos verificar que os marcadores somáticos podem fornecer um critério que nos induz para umas respostas em detrimento de outras.

Sobre a ordenação da informação que recebemos do contexto do jogo no momento de decidir, Damásio (2001:209) refere que “ quer concebamos a razão como sendo baseada na selecção automática, quer a concebamos como baseada na dedução lógica por intermédio de um sistema simbólico, quer – de preferência – como sendo baseada em ambas, não podemos esquecer o problema da ordem. Proponho a seguinte solução:

- (1) Se a ordem tiver de ser criada entre as possibilidades disponíveis, nesse caso, elas terão de ser ordenadas;
- (2) Se tiverem de ser ordenadas, então são necessários critérios (valores ou preferências são aqui termos equivalentes);
- (3) Os critérios são fornecidos pelos marcadores-somáticos, que exprimem, em qualquer altura, as preferências cumulativas que recebemos e adquirimos.”

Se as emoções governam o sistema das nossas decisões, seria de esperar que numa equipa os jogadores adquirissem uma experiência emocionalmente dirigida para que as suas decisões se inserissem num projecto colectivo de jogo e se tornassem previsíveis para os colegas dentro de uma lógica de resolução. Torna-se assim importante entender de que modo os marcadores somáticos funcionam como critério no momento de decidir. Damásio (2001) expõe uma possibilidade, segundo o mesmo, a sobreposição de diferentes marcadores-somáticos relativos a várias imagens, influência o modo como o cérebro as trata. Essa influência nas várias imagens resultaria numa quantidade desigual de atenção a cada aspecto. Originando a atribuição natural de diversos graus de atenção a diversos conteúdos. Assim, a maior quantidade de sinais dirigidos a um conjunto de neurónios que caracterizar um determinado conteúdo resulta, como o mesmo autor refere (2001:210), “numa

«decisão» favorável a esse conteúdo através de um mecanismo do tipo «o vencedor leva tudo».”

Ainda como salienta Martins (2003:8) “...é fundamental que os padrões neurais que os jogadores constroem a partir do objecto externo – jogo – e os padrões neurais reconstruídos a partir do interior dos seus cérebros através da memória [...] sejam “da mesma família”. Isto é, devemos fazer com que haja empatia entre as imagens através do conceito de especificidade”.

Ainda no mesmo sentido Garganta (1997) salienta que perante o conjunto dos estímulos existentes no jogo o jogador constrói a sua paisagem de observação, ao interpretar e organizar os dados que avalia como pertinentes, significando que o sentido de jogo é construído e baseado num modelo de referência.

### **1.3.3 - Intenções em Acto**

A responsabilidade do indivíduo é frequentemente julgada em função das suas intenções e é sobre essas que o treinador deve exercer a sua maior atenção, para verificar se todos os jogadores têm uma intenção colectiva. Falhar passe, rematar ao lado ou dominar mal a bola são aspectos técnicos trabalhados mas que naturalmente se erra durante o jogo. Ao invés, manter uma intenção colectiva mesmo quando o passe sai ao lado é algo que nunca se pode perder para que se manifeste uma ordem colectiva.

Tal como salienta Damásio (2001) para que a intuição ocorra é necessário conhecimentos acumulados e reflectidos. Com um entendimento semelhante o filósofo Pierre Jacob e o neurocientista Gilles Lafargue esclarecem o nascimento das intenções no cérebro e precisam as condições em que se toma consciência delas.

*“Uma intenção é uma representação mental muito especial [...] Representa apenas o que é possível.*

*Ela implica obrigatoriamente o agente na preparação da acção [...] certas intenções resultam de uma deliberação consciente anterior à acção enquanto outras nascem do calor da acção (esta última nem sempre premeditada).*

*A representação de um acto motor é uma representação de si para o exterior: zonas cerebrais situadas numa região chamada parietal simulam os movimentos que faríamos se tivéssemos de realizar o acto. O facto de alguém imaginar a levantar-se é, portanto um acto motor no sentido forte do termo, mas um acto motor sem movimento corporal.*

*As representações motoras são, assim, essencialmente intenções [...] haja ou não passagem ao acto. “ Gilles Lafargue (2005:2,3)*

Nesse entendimento podemos verificar que existem dois tipos de intenções, uma intenção deliberada onde é necessário um maior tempo antes da acção, para permitir a consciencialização, e uma intenção em acto onde o tempo é insuficiente para que seja activada a consciência, aqui o papel da consciência reside no julgamento da intenção verificando rapidamente se esta se adequa à situação, cabendo-lhe apenas o papel de autorizar ou não a sua execução. De qualquer forma, as intenções são representações mentais especiais pois apenas representam o que é possível, são representações motoras de si mesmo para o exterior. Essas representações motoras (intenções) activam as mesmas estruturas cerebrais relacionadas com a motricidade, haja ou não passagem ao acto. Quanto à passagem ao acto propriamente dito, requer autorização do córtex frontal, que decide que tal acção será concretizada.

O jogador durante o jogo, onde o espaço e o tempo para decidir são normalmente curtos, decide de forma inconsciente, não premeditada, recorre a hábitos que são “saberes remetidos para o não consciente”, Oliveira, B. et al (2006:201). Assim sendo, é sobre esses hábitos que devemos dirigir a nossa atenção. O hábito surge com um conhecimento que o precede, uma suposição inconsciente. No entanto, não devemos entender o hábito como um mecanismo fechado que opera na base da causa-efeito, mas sim uma interacção entre causa e efeito onde o conhecimento da adequação da acção ao efeito é modelador da próxima acção assim como a percepção de uma intenção errada permite a aprendizagem ao adequar uma nova acção (alteração de estratégia). Em jeito de resumo elaboramos o seguinte quadro para compreender melhor o funcionamento do sistema de intenções apresentado.

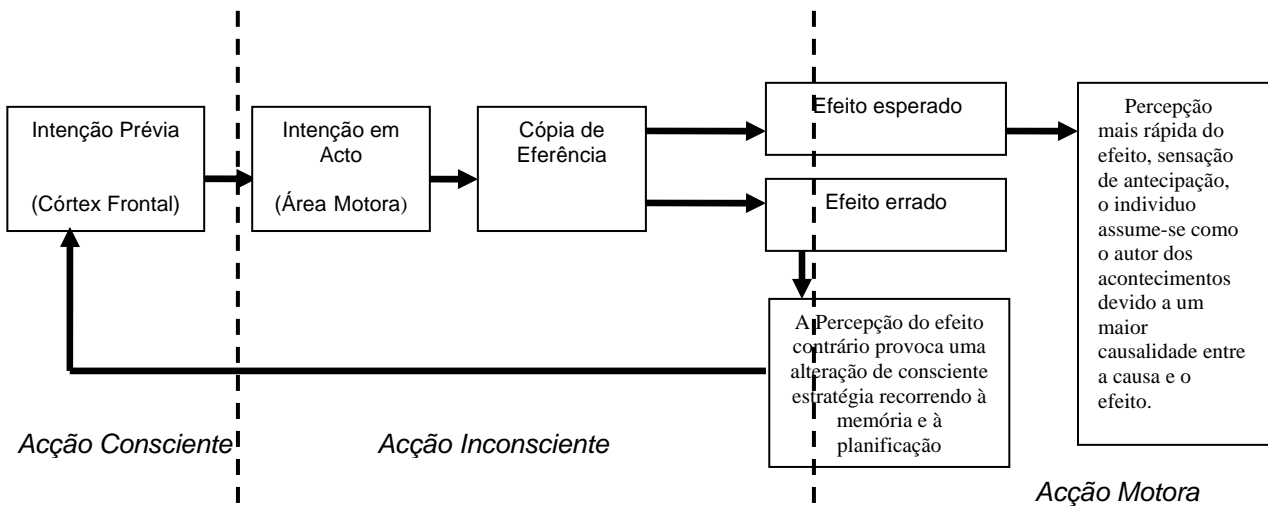


Fig. 1 – Resumo do processamento das Intenções em acto

Com o treino deveríamos construir a intenção de um jogar específico, consciencializando os jogadores com conhecimentos, “um saber sobre um saber fazer”, desse jogar, assim como, exercitar as intenções em acto em concordância com as intenções prévias. Os exercícios devem levar os jogadores a encontrar os efeitos que o modelo de jogo requisita. Devemos criar situações-problema onde a melhor forma de os solucionar seja com os efeitos que se pretendem no nosso Modelo de jogo. O jogador nessas situações deverá alterar conscientemente as suas estratégias de forma a que as intenções em acto comecem a ser concordantes com as intenções prévias. Assim sendo, é fundamental a intervenção do treinador com feedbacks, dando pistas e lembrando as intenções prévias do exercício e do jogar que se pretende. Mas é durante as intenções em acto que o jogador ajuíza sobre a adequabilidade das suas decisões, se estão de acordo com as intenções prévias (princípios de jogo) ou se necessita alterar de estratégia fazendo com que a consciência entre em deliberação.

Não basta remeter a abordagem do treino para as intenções prévias, uma vez que não é possível para um jogador habituado a jogar longo, começar a jogar curto, em ataque organizado e com critério apenas pela simples

informação dada pelo treinador para que assim seja. Se a nossa consciência entra em jogo, pode parecer controverso, mas é porque, de algum modo, não possuímos o conhecimento suficiente para realizar antecipações.

Quantos lances geniais, quantos remates impensáveis foram feitos sem que se soubesse que iria ser assim? Instinto goleador? Faro de golo? Oportunismo? Espontaneidade? Ou conhecimento remetido para o inconsciente que por vezes assume o comando ao “sentir” que é o melhor neste momento? Um “saber fazer” aliado a um “saber sobre um saber fazer”. Intenções deliberadas que criaram intenções em acto e vice-versa.

Também podemos verificar que quando as intenções em acto estão em concordância com as intenções prévias o jogador parece antecipar os efeitos e ter uma sensação de causalidade entre uma intenção e um efeito. Se uma equipa conseguir com que todos os seus jogadores tenham em concordância as intenções prévias e em acto, podemos referir que a sensação de causalidade entre as intenções e os efeitos permitirá à equipa uma sensação de enredo criado pela mesma, de antecipação das intenções dos outros e por conseguinte um maior “entrosamento”.

*“...a questão da liberdade do indivíduo não fica sem dúvida cortada por estas experiências, mas a da sua responsabilidade progrediu: a nossa responsabilidade está em formar intenções prévias em conformidade com as regras sociais e dar-lhes bastante consistência para que estejam em posição de dominar as intenções em acto.” Pierre Jacob (2005:8)*

No sentido de elaborar essa concordância individual e colectiva o treinador deve provocar com o treino essa intenção do jogar de uma determinada forma, segundo o Modelo de Jogo.

Como referimos no início deste tema, não pretendemos descortinar como funciona o comportamento humano mas sim, uma aproximação suficiente para que possamos compreender como se originam determinadas decisões. Não aprofundamos mais do que o necessário a uma compreensão geral desses processos, diferentes e inerentes, no momento de decidir. Assim entendemos estes processos como princípios que influenciam uma decisão. E acreditamos que o papel do treinador será o de definir a sua concepção de jogo

ou ideia de jogo, para um formato (Modelo de jogo) que a torne compreensiva aos olhos dos jogadores. Esse Modelo de jogo deverá estar definido em princípios de jogo que caracterizam os quatro momentos de jogo.

Os princípios de jogo são como o próprio nome indica, um início. Esses devem ser operacionalizados tendo em conta o exposto, de forma a que os princípios que influenciam uma decisão estejam de acordo com esse Modelo de Jogo.

#### **1.4 - TÁCTICO CASTRADOR OU CATALIZADOR, DO RENDIMENTO INDIVIDUAL?**

*“...o tacticismo é ainda mais perigoso pois pretende tirar o jogo aos futebolistas suprimindo-lhes o cérebro em nome da ciência. Perigoso. Ainda bem que só progrediram os que usavam métodos silvestres. Caso contrário, os relvados passariam a chamar-se “cabos”.*  
Valdano (1997)

*“O jogo existe, portanto, na confluência de uma dimensão mais previsível, pelas leis e princípios do jogo, com outra menos previsível, materializada a partir da autonomia dos jogadores, que introduzem a diversidade e singularidade dos acontecimentos.”*  
Garganta (2005)

No exposto anteriormente podemos verificar que as nossas decisões devem ser modeladas de forma a respondermos dentro de uma determinada lógica (Modelo de Jogo). Tais decisões não deverão ser comandadas pelo treinador e conseqüente processo de treino, não se trata de respostas mecânicas onde o jogador espera por um estímulo de forma a lhe responder conforme previsto. O jogo é demasiado imprevisível para que assim seja, logo as decisões são da autonomia dos jogadores que com o processo de treino deverão ser capazes de encontrar no jogo as informações mais relevantes para ele e para a equipa e responder dentro de um padrão colectivo de resposta.

Tal com refere Cunha e Silva (2003:3) “Não existe treinador que no seu íntimo não anseie prever, com uma certeza infinitesimal, a evolução do jogo,

controlar esse sistema multivariável, substituindo a variabilidade pela estereotipia na expectativa de prever e articular as atitudes dos seus jogadores com a máxima certeza. Devemos no entanto apercebermo-nos de que a máxima estereotipia, corresponde à mínima variabilidade, corresponde também à mínima adaptabilidade”. Ainda segundo Garganta & Cunha e Silva (2000, cit. Garganta 2006:180) “De facto não é possível prever e estandardizar as sequências de acções, podendo dizer-se que não existem duas situações absolutamente idênticas e que as possibilidades de combinação são inúmeras, o que torna inviável recriá-las no treino. Todavia parece-nos que para fazerem sentido, as situações devem ser categorizáveis, isto é, reconvertíveis em categorias ou tipos de situações. Aliás, se assim não acontecesse, se não houvesse algo que ligasse o jogo a um território de possíveis previsíveis onde pontificam os designados modelos ou representações, a preparação dos jogadores e das equipas tornar-se-ia obsoleta” Assim sendo, ao abordarmos o processo de treino temos de compreender que este deve adaptar os jogadores a uma forma de jogar, mas sempre de forma a que a capacidade autónoma de conceber as soluções esteja presente, ou seja, a adaptabilidade enquanto capacidade de inovar e de se auto-organizarem dentro de um padrão colectivo.

Tal como refere Valdano (1997:29) “O Computador. O futebol estatístico pretende roubar a espontaneidade ao jogo. É mentira que os dois possam ser compatíveis. Ou se faz um ditado, ou se dão ferramentas conceptuais ao jogadores para que eles saibam ler um desafio e se dêem ao trabalho de pensar.” É nesse sentido que os hábitos devem ser ferramentas conceptuais, originando-se a partir de conhecimentos. Os hábitos criados através das experiências conscientes, formam-se a partir da transformação dos conhecimentos declarativos [*intenções deliberadas*] em conhecimentos processuais [*área motora*]. Ou como refere Haggard (2000, cit. Guilherme Oliveira, 2005:96) “Deve-se salientar ainda, que o cérebro dispõe de mecanismos que permitem preparar a execução de determinados movimentos ou acções muito antes de se sentir à vontade de o fazer”

O cérebro antecipa, adivinha, realiza previsões. Ainda como salienta McCrone (2002:46) “As experiências demonstraram que os tenistas

profissionais conseguem adivinhar a direcção de um serviço só por observarem a forma como os seus oponentes movem a raquete”. Para ter antecipado deve ter existido uma causa, um conhecimento em que baseie a sua suposição. No mesmo sentido os jogadores mais do que antecipar as acções dos adversários devem primeiro antecipar as acções dos próprios colegas de equipa.

Neste sentido, Pierre Jacob (2005:13) acrescenta ao referir que *“Se a organização do nosso cérebro possibilita o pensamento consciente, libertando-o de tarefas anciliares (próprias de escravos inferiores), talvez seja preciso ter nele um instrumento da nossa liberdade, mais do que da nossa servidão”*

Ou seja, quanto melhor estiverem adquiridos os princípios de jogo, reduzindo a imprevisibilidade do nosso jogo, mais liberdade mental teremos para acrescentar o detalhe e a criatividade ao jogo. Quando se assimila esses comportamentos e os convertemos em hábito ganhamos uma maior perfeição e regularidade nas acções (determinismo), a nossa mente torna-se livre para sermos criativos. Desse modo o treino ao procurar melhorar o jogo e o jogador, tem de equilibrar a ordem e o caos num padrão, num mecanismo não mecânico. Tal como refere Carlos Queiroz (2003:1) *“no fundo é ser mais eficiente nessas rotinas, mas com autonomia e liberdade suficiente, ser inovador, ser criador, ser regenerador de soluções”*

Passando para o futebol, um jogador tecnicamente formado terá de se adaptar sempre a uma forma de jogar (quando há). E a sua técnica individual, criatividade e liberdade têm de ser progressivamente ganhas. Desta forma, muitas equipas optam por iniciar os campeonatos com posições mais fixas, onde, após as intenções prévias dominarem as intenções em acto, a liberdade torna-se maior. O conhecimento vivenciado em ambientes enriquecidos produz um maior número de conexões cerebrais que, por sua vez, promove um aumento dos conhecimentos e da inteligência (novas representações motoras). Logo, os exercícios devem ser, por excelência, o ambiente enriquecido, onde os jogadores procuram de diversas formas dar respostas às suas intenções prévias. Ou seja, uma vez que não existem jogos iguais os exercícios de treino devem provocar nos jogadores uma adaptação à adaptabilidade relativa.

Relativa uma vez que se deve inserir dentro de uma auto-organização sem que exista perda de identidade da manifestação do jogo.

## **2. - A CONCEPÇÃO DAS APRENDIZAGENS**

*“Quando se admitirá que um movimento desportivo desinserido, ou desajustado (“movimento-azelha”) da resposta correcta é, por mais suor que exija, uma “teoria”.  
E que uma percepção mental correcta dum situação é já (antes do gesto) uma prática?”  
(Frade, 1985)*

O treinador é o gestor de um processo que visa a melhoria do desempenho colectivo e individual da sua equipa. O treino é e deverá ser o meio pelo qual se deve procurar atingir esses objectivos. Se o jogador treina para melhorar e se a aprendizagem se revela mais duradoura do que o simples aumento de capacidades, ao treinador é exigido que seja capaz de ensinar. No mesmo sentido Graça (1994:29) refere que “Ao professor requer-se-lhe o conhecimento e a capacidade de tratar a sua matéria de ensino de modo a torná-la apresentável e susceptível de proporcionar experiências e aprendizagens seguras, válidas e significativas aos alunos, de modo a que possam compreender melhor o jogo e desenvolver a sua capacidade de nele participar.” Este é um pressuposto indispensável para a qualidade do trabalho desenvolvido por um professor/treinador e não menos importante revela-se o conhecimento e as crenças que o mesmo tem sobre determinados aspectos do rendimento desportivo. Assim, procuramos esclarecer alguns conceitos de forma a aproximar o significado das palavras, com as quais partilhamos o conhecimento.

Ao longo da sua existência, o futebol conheceu algumas evoluções a nível do treino, que foram determinantes para a forma como se processava o rendimento dos jogadores e da equipa no jogo. Desta forma, torna-se pertinente investigar a concepção que os treinadores têm sobre a sua matéria de ensino, de forma a compreender o caminho que optam para atingir um

rendimento superior. A concepção que o treinador tem da matéria de ensino e o maior ou menor ênfase sobre a mesma, direcciona e determina o tipo de aprendizagens resultantes. Se um treinado considerar o “passe” como um conteúdo didáctico, o seu critério de sucesso poderá estar relacionado com a eficiência técnica da sua execução conforme os requisitos biomecânicos ou mesmo com a eficácia da sua acção que se determina pela chegada ou não da bola ao destino previsto.

Noutro sentido Frade (1985:12) refere que a importância de “reconhecer a origem dos comportamentos inadequados, em jogo, deve ser procurada essencialmente, nas operações que precedem a resposta motora.”

Se considerarmos o passe como um sub-princípio de um modelo de jogo então poderemos considerar que se trata de algo mais do que uma acção física, trata-se antes de tudo de uma ideia. O passe concebido como um sub-princípio de jogo pode, apesar de eficaz e eficiente, ser considerado desajustado face aos contextos variáveis das situações de jogo e a uma ideia colectiva. No mesmo sentido, um passe mal executado tecnicamente poderá estar carregado de uma intencionalidade assertiva em função de uma ideia que o precede e que o torna importante. Segundo estas diferentes interpretações sobre o que é um passe, será manifestamente diferente o feedback do treinador durante o treino/jogo e por conseguinte a modelação do mesmo.

As diferentes concepções divergem no entendimento e por sua vez na operacionalização do jogo a partir do treino ou da operacionalização do treino a partir do jogo. Tal como refere Guilherme Oliveira (2004:117) “As diferentes abordagens podem ser caracterizadas de duas formas: a abordagem global e a abordagem específica ou individualizada. A primeira está relacionada com o jogo na generalidade, há uma análise do jogo e é esse jogo que vai criar o processo de ensino, ou seja, o ensino é condicionado e direccionado pelo jogo. A segunda apresenta contornos contrários, não é o jogo que condiciona o ensino, mas sim o ensino a direccionar o jogo que se pretende. Isto é, parte-se das ideias de jogo do professor/treinador para criar o jogo desejado. Desta forma, o jogo, as capacidades e os conhecimentos transmitidos estão relacionados com as ideias do professor/treinador, com as capacidades e

conhecimentos específicos dos jogadores e com o processo de operacionalização realizado.”

No entanto existem formas mais ou menos rápidas de se aproximar do jogar que se pretende tal como refere Bruno et al (2006:183) “é certo que é preciso tempo para uma equipa se organizar e expressar qualidade, para jogar à imagem do seu treinador. A questão é que o «factor tempo» depende, e muito, da metodologia de treino utilizada. É que, apesar de as diferentes metodologias se preocuparem com o pôr a equipa a jogar de uma dada forma, o modo como tentam fazê-lo é diverso.” Desse modo iremos apresentar de forma sucinta as diferentes concepções de treino que segundo vários autores (Frade, 1998; Guilherme Oliveira, 2004; Carvalhal, 2001; Mourinho, 2006; Gomes,2006) parecem existir.

## 2.1 – “PERIODIZAÇÃO CONVENCIONAL”

*“Creio que nos últimos anos a qualidade do futebol tem vindo a decrescer, fruto de variadíssimas razões como a preponderância exagerada do físico(que eu ainda sinto na pele) ou da táctica abstracta.”*  
Paulo Sousa (2006)

A “periodização convencional” é caracterizada segundo diversos autores (Frade; 1985; Guilherme Oliveira, 1991; Faria 1999; Bruno Oliveira, 2002;) pela exacerbação da dimensão física como resultado de uma interpretação da teoria e metodologia do treino desportivo elaborada por Matvéiev. Essa obra foi elaborada para os desportos individuais, nomeadamente o atletismo, sendo posteriormente adaptada aos desportos colectivos. A periodização convencional parece ser baseada numa análise estritamente «física» e encara a preparação de cada equipa caso a caso.

Por outro lado Guilherme Oliveira (2004:2) refere que “Quando o processo de treino visa, como principal objectivo, melhorar as capacidades fisiológicas dos jogadores, a melhoria dos conhecimentos específicos surge

como um aspecto secundário. Nesse sentido, o seu aumento fica condicionado a espaços pontuais do treino e, muitas vezes, apresentados de forma abstracta.” No mesmo sentido Ferreira & Queirós, (1982) referem que “Perspectivar um processo de treino pelo somatório das capacidades técnicas, táticas e das qualidades físicas, implicaria no mínimo uma apropriação de comportamentos motores inadequados à realidade do jogo, visto que a sua solicitação em competição vai depender de sinais e estímulos diferentes daqueles que caracterizam as situações de treino”. Alguns dos aspectos que nos importa aqui salientar são referidos por alguns treinadores (Frade, 1998; Guilherme Oliveira, 1991; Faria, 1999; Carvalhal, 2002) caracterizando a teoria convencional pela exacerbação da dimensão física relativamente à tática técnica, pelo trabalho isolado das diferentes componentes de treino (tática, física, técnica e psicológica) no sentido de as maximizar individualmente e pela não existência de um processo tenha como fundamento a articulação dos princípios do modelo de jogo.

O problema desta forma de preparação do treino e do jogo reside nas palavras de Moigne (1984; cit. Faria 1999:20) ao referir que “Quanto mais se pretende clarificar disjuntando conceitos imbricados mais se empobrece a inteligibilidade do conhecimento construída pela interacção deliberada desses conceitos”. Nesse sentido, parece que esta forma de perspectivar o treino não se coaduna com o entendimento tático apresentado anteriormente, uma vez que, o tático, ao ser o resultado da interacção entre as dimensões de rendimento, segundo uma concepção de jogo, deixa de existir quando essas interacções são quebradas ou separadas.

## 2.2 – TREINO INTEGRADO

A necessidade de integrar surge quando algo se encontra desintegrado, ou se entende como desintegrado. Logo, continua-se a entender o aumento de desempenho do jogar pela melhoria desarticulada dos aspectos técnicos, táticos, físicos, psicológicos e mentais. Assume-se um entendimento do jogo como um conjunto de parcelas e actos, mas não como um sistema de interações que é irreduzível a qualquer uma das componentes do rendimento. Dessa forma, o entendimento do treino não difere muito da periodização convencional. No mesmo entendimento, Mourinho (cit. Bruno et al 2006:173) afirma “Para mim as coisas são muito claras. Existe o treino tradicional, analítico, existe o treino integrado, que é o tal treino com bola, mas onde as preocupações fundamentais não são muito diferentes das do treino tradicional; e existe a minha forma de treinar, a que podem chamar «periodização tática», que não tem nada a ver com as outras duas – embora muitos pensem que sim. A única diferença entre o treino tradicional e o treino integrado é que, no segundo, «engana-se» mentalmente os jogadores dando-lhe a bola. Mas as consequências do treino são exactamente as mesmas que as do treino tradicional”

Tal como salienta Chiroso Rios (s.d.) o Treino Integrado é definido como a combinação de factores físicos, técnicos, táticos, psicológicos, etc., influentes no rendimento de uma equipa sempre que se pretenda, como objectivo, a influência imediata de um conteúdo de treino sobre outro.

Segundo Garcia (s.d.:289) “o treino integrado físico-técnico-tático pode planear-se de diversas formas:

- Na mesma sessão de treino, onde estão presentes todos os factores de treino, o que supõe que para cumprir os objectivos desenham-se exercícios específicos para cada factor de treino, ou seja, pode planear-se de forma alternativa ou simultânea, durante a mesma unidade de treino, exercícios de carácter exclusivamente físico, técnico ou tático;

- Estabelecer um factor de treino de forma prioritária ou dominante (por exemplo a técnica, acompanhada de exercícios de compensação (carácter físico ou tático);
- Constituir um objectivo prioritário tal como no item anterior, mas abordando-o no domínio simultâneo de outras dificuldades derivadas de outros factores;
- Elegir uma série de exercícios e em cada um deles modificar sucessivamente a dominância.”

Ainda assim, o mesmo autor entende que o problema é decidir o que interessa em cada momento e em cada unidade de treino como prioritário. Como salienta Chiroso Rios et al. (1998) a principal dificuldade da metodologia de treino integrado está em unir todos os factores influentes na melhoria do jogo, dentro de um processo lógico e ordenado de planeamento.

Conforme salienta Guilherme Oliveira (2004) existe uma série de problemas de articulação de sentido no treino integrado. Em primeiro lugar, não assume a dimensão tática como o guião para todo o processo de treino, o que desde logo retira ao processo de treino as linhas orientadoras que são formadas através do modelo de jogo. Ainda de acordo com o mesmo autor, (2004:143), “quando o treino é construído a partir do jogo, o que acontece é que o jogo é desmontado, na sua complexidade, e transportado para o treino para que determinados comportamentos aconteçam. No entanto, essa desmontagem pode revelar-se abstracta, por ausência de uma articulação de sentido na sua construção. Quando o treino faz o jogo, também há a desmontagem do jogo, contudo existe um corpo de ideias que vai articular a construção do processo e conseqüentemente, do jogo. Dessa forma, há uma permanente articulação de sentido, que permite em todos os momentos do treino, haver coerência no que se faz e nos conhecimentos adquiridos pela equipa e pelos jogadores.”

Nesta perspectiva parece não existir um guião que conduza a uma organização de jogo e das suas interações, dificultando por sua vez uma identidade colectiva. Em suma, podemos concluir, que apesar do reconhecimento que as dimensões do treino (tática, física, técnica e

psicológica) devem existir interligadas, nas duas primeiras tendências, existe a necessidade de trabalho “compartimentarizado” no sentido de as maximizar individualmente (Faria, 1999; Carvalhal, 2000).

## 2.3 – “PERIODIZAÇÃO TÁCTICA”

*“ O trabalho táctico sim, que é diferente da táctica. [...] Acho que a táctica já acabou à muito tempo. O treinador que prepara taticamente bem a sua equipa na palestra e diz «vamos fazer assim e assado» já não existe. Mas durante a semana, preparar a equipa taticamente, encontrar exercícios que potenciem aquilo que se pretende atingir...faz a diferença.”*  
Mourinho (2005)

O futebol encerra em si incertezas, imprevisibilidades, desequilíbrios, desordens e comportamentos caóticos, características dos fenómenos complexos, fruto da sua multidimensionalidade e das ligações e interdependências que estas variadíssimas dimensões geram entre si. A táctica não é um sistema reduzido a uma disposição e organização espacial dos jogadores, mas sim, como refere Mourinho (2002), um conjunto de princípios de jogo bem definidos, quer para o ataque, quer para a defesa e de acordo com o modelo de jogo idealizado pelo treinador que servirá para determinar uma ordem no caos.

A metodologia denominada por “Periodização Táctica”, não tem como objecto de estudo nenhum factor ou componente do rendimento mas sim o jogar como objecto irreductível. A periodização é táctica porque, segundo o autor Frade (2004:12) “a expressão do jogo é a táctica: é o jogar. Então, para mim, grosso modo o essencial é isto”. Tem como objectivo a operacionalização de um modelo de jogo que se constitui como um elemento causal do futuro, que se visualiza constantemente com o intuito de se aproximar o jogo a essa ideia. Assim, entende-se que na periodização táctica o modelo de jogo e os seus princípios são o guião do processo desde o início.

No mesmo entendimento, Faria (1999:35) refere que “se no jogo há necessidades físicas, técnicas, tácticas, psicológicas, elas são consequência de um determinado tipo de comportamentos organizados e organizantes de

uma equipa, cuja sua identidade é o conceito de jogo do treinador. Se é jogar de uma determinada forma que o treinador pretende, se são determinados comportamentos de jogo os escolhidos, se há regras nesses comportamentos, então, parece-nos que o mais lógico será planearmos o jogo, uma vez que só ele é que pode interligar todas essas necessidades”.

No entanto, Frade (2004) considera que o princípio metodológico da Especificidade é um fundamento da “periodização tática”. Tal como salienta Guilherme Oliveira (1991) apenas podemos considerar um exercício específico enquanto este contiver uma permanente e constante relação entre as componentes tático-técnicas individuais e colectivas, psico-cognitivas, físicas e coordenativas, em correlação permanente com o Modelo de Jogo Adoptado e respectivos Princípios que lhe dão corpo. Uma vez que cada Modelo de Jogo resulta de uma determinada especificidade (concepção), a sua operacionalização tende por sua vez a ser única. Segundo esta ideia, a “periodização tática” concebe o treino no sentido de modelar o jogo, através de exercícios específicos que contemplem os princípios de jogo que o constituem. A intervenção no momento, no “aqui e agora”, revela-se também importante segundo esta concepção, pois como salienta Gomes (2006:43) a especificidade dos exercícios não contempla apenas a configuração estrutural e funcional dos acontecimentos. O treinador deve com a sua intervenção direccionar a atenção dos jogadores para os comportamentos que pretende desenvolver. No fundo, trata-se de contextualizar a dinâmica do exercício para determinados comportamentos. Desse modo consideramos que a especificidade para ser contextualizada não se pode restringir ao momento anterior ao exercício, mas também à intervenção do treinador no momento.

Deste modo, o treino vai inserir o jogador dentro de um padrão de jogo, dentro de uma organização, com o propósito de desenvolver uma identidade colectiva. Essa identidade colectiva é verificada nas interacções entre os elementos do sistema que por sua vez devem ser regulares, demonstrando uma invariância de acontecimentos.

### 3 - CRIAR UMA IDENTIDADE COLECTIVA E INDIVIDUAL

*“O que faz o jogo é a transformação da causalidade em casualidade, ou seja aproveitar o momento; e quem ensina a aproveitar o momento são a estratégia e a tática”*

Garganta & Cunha e Silva (2000:5)

Começamos por colocar a questão na palavra “criar” e por questionarmo-nos se essa identidade se cria ou surge naturalmente. Segundo Frade (1998:3) “o jogo não é um fenómeno natural, é construído e em construção, portanto o tático é isso, é a essência dele.” Ainda, segundo o mesmo autor (1998:2), “É criar essa adaptação através de um hábito que eu quero que aconteça, que se adquire na acção.”

De acordo com Garganta (2005:181). “Mais do que centrar a atenção nas acções de jogo, importa então deslocar o olhar para as interacções dos actores, na sua relação com o envolvimento. É nas articulações do sistema que este tece a sua identidade e é também nelas, e através delas, que cria condições para manter ou alterar, em função das circunstâncias e das respectivas debilidades e mais valias dos intervenientes.” Assim sendo quanto melhor forem as articulações do sistema em toda a sua escala de complexidade, melhor se tornará a identidade colectiva e por sua vez individual. Por sua vez Saussure cit. Gomes (2006:8) entende por sistema “uma totalidade organizada por elementos solitários, que podem definir-se apenas uns em relação aos outros, em função do seu lugar nessa totalidade.” Apreendemos desta afirmação que é a dimensão tática, quando assume o papel de guião de todo o processo, que define e modela as relações (interacções) entre os jogadores e o jogar que se pretende.

De acordo com Gomes (2006:90) “Através desta estruturação do processo [Periodização Tática], todas as situações (mais ou menos complexas) são contextualizadas por uma apreensão global, ou seja, o modelo de jogo. Através dele desenvolve-se uma significação comum nas situações criadas ao longo do processo. Em consequência, as situações que não se

inscrevem no modelo de jogo são abstractas e não promovem um sentido na informação vivenciada no processo.”

Essa identidade é reconhecida pela invariância do jogar, no sentido de reproduzir um padrão de jogo, ou seja, ao reduzir a escala do jogo ao nível individual, grupal, sectorial ou intersectorial, as interacções desse jogar continuam a manifestar-se reproduzindo um padrão semelhante.

Como refere Garganta (2005:184) “A sua identidade, ou a sua invariância, não provém da inalterabilidade dos seus componentes mas da estabilidade da sua forma e (auto) organização face aos fluxos acontecimentais que os atravessam.” Desta forma, uma equipa ao possuir uma identidade forte é capaz de alterar os seus componentes (jogadores) pois a sua identificação com uma ideia de jogo permitirá com que o padrão de jogo se mantenha próximo dessa ideia.

Como a equipa tem um conjunto de jogadores com diferentes funções, que condicionam as propriedades do todo. Essa função que o jogador desempenha no seio da equipa resulta das referências colectivas e não de regras. Desse modo, o conjunto de referências e de princípios que orientam uma ideia colectiva de jogo devem ser trabalhados em todas as escalas de forma a que os jogadores criem estratégias que possibilitem manter a identidade (regularidade das interacções do sistema).

Como afirma Edgar Morin (2001:109) “No mundo biológico, cada célula do nosso organismo contém a totalidade da informação genética deste organismo. A ideia do holograma, ultrapassa, quer o reducionismo que só vê as partes quer o holismo que só vê o todo. É um pouco a ideia formulada por Pascal: «Não posso conceber o todo sem conceber as partes e não posso conceber as partes sem conceber o todo».”

Com as substituições de jogadores e com as dificuldades apresentadas pelos diferentes adversários assim como outras contingências, a equipa deverá manifestar-se pelas regularidades das articulações do sistema (identidade) em todas as suas escalas. Nesse sentido, a criação de uma identidade deve privilegiar o trabalho em diferentes escalas mas com a presença de uma invariância de comportamentos.

### **3.1 O TÁCTICO... DO GERAL AO ESPECÍFICO.**

As primeiras abordagens no estudo da dimensão táctica preocuparam-se em isolar a mesma em fases, factores, formas e princípios de jogo. Apesar de ser necessária a separação para uma melhor compreensão devemos ter em atenção que tal separação resulta em problemas no momento da união, aquando a concepção e a operacionalização. Ao caracterizar de uma forma global ou individual podemos omitir as interacções que dão sentido a uma identidade. A visão simplificadora diria que a parte está no todo e segundo Edgar Morin (2001:128) “A visão complexa diz: não apenas a parte está no todo como o todo está no interior da parte que está no todo.”. Podemos dizer que durante algum tempo o trabalho realizado por Carlos Queiroz (1983) intitulado “para uma teoria do ensino/treino do futebol”, foi uma referência e um suporte importantíssimo para o trabalho de professores e treinadores. Contudo, como o mesmo refere (1983:1) “este trabalho encerra pois, uma reflexão para a definição de um conceito global da didáctica para a preparação do praticante de futebol”.

No entanto, sentimos a necessidade de conferir ao global uma aproximação mais específica, ou como refere Cunha e Silva (2005) mais “glocal”. Desse modo, no ponto seguinte iremos explicar alguns pressupostos organizacionais para um Modelo de jogo no sentido de melhor elucidar a importância da Contextualização Táctica.

#### **3.1.1 ORGANIZAÇÃO DE JOGO**

A organização é tanto mais sofisticada quanto melhor articuladas estiverem as inter-ligações entre a estrutura adoptada pela equipa, a organização funcional, as características do clube e dos jogadores e os princípios e sub-princípios do modelo de jogo. Não basta ter boas ideias se

estas esbarram com outras, para que o processo seja coerente é necessária a existência de uma boa articulação dessas ideias.

Compreendemos o jogo como um sistema de interações e é sobre essas que devemos centrar a nossa atenção com o intuito de as modelar. Assim, trata-se de manipular o sistema de interações para fazer emergir uma unidade colectiva, ou seja, um padrão de comportamentos. Na continuidade desta lógica, Gomes (2006) salienta que para uma equipa jogar de forma diferente, essas interações são diferentes. Podemos ficar elucidados desta relação com o esquema elaborado por Guilherme Oliveira (s.d.) que representa a organização de um modelo de jogo.

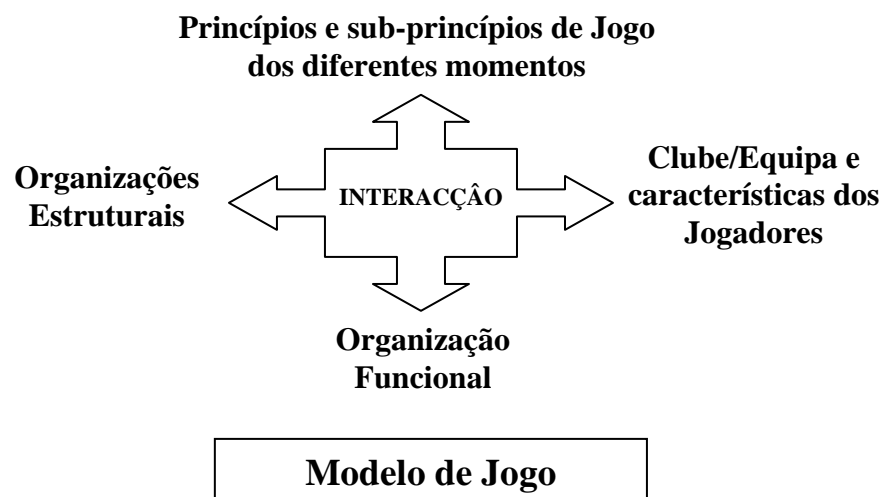


Fig.2 – Organização do Modelo de Jogo

Os princípios de jogo são, de acordo com Carlos Queirós (1983:9), “as regras base segundo as quais os jogadores dirigem e coordenam a sua actividade – consideradas em individualmente e em colectivo durante as fases.”

Ainda segundo o mesmo autor existem dois tipos de princípios de jogo. Os princípios Fundamentais: Recusar a inferioridade numérica, evitar a igualdade numérica, criar a superioridade numérica. E os princípios Específicos referentes ao ataque e à defesa. Considerando respectivamente ao ataque a penetração, cobertura, mobilidade e espaço e à defesa contenção, cobertura, equilíbrio, concentração. No entanto, existem formas distintas de procurar o

mesmo princípio de jogo, como o de reduzir a inferioridade numérica, defendendo zonalmente com o mesmo número de jogadores atrás da linha da bola mas em superioridade nas zonas mais importantes ou defender individualmente com um jogador a mais atrás da linha da bola.

Desse modo para Guilherme Oliveira (s.d.) podemos acrescentar um terceiro tipo de princípio de jogo, os Princípios de jogo Específicos de um Modelo de Jogo, que são referentes a uma identidade de jogo particular e não global. Também salienta que os princípios de jogo fundamentais e específicos referidos no início podem ser considerados como princípios culturais do próprio jogo de futebol. Para um melhor esclarecimento Guilherme Oliveira (2003) salienta que os princípios de jogo são os comportamentos que o treinador quer que jogadores tenham.

No entanto, tendo em conta que a organização deve construir uma forma particular de jogo, convém salientar o papel dos princípios do Modelo de Jogo na sua modelação, pois só sendo específicos de uma determinada forma de jogar conferem identidade.

As Organizações estruturais são a forma como as equipas se dispõem em campo, aquilo a que habitualmente chamamos de sistema de jogo, por exemplo o 1-4-4-2 ou o 1-4-3-3. Representam apenas uma disposição espacial fixa no terreno de jogo. Contudo, o jogo ao ser dinâmico implica movimentações que são características de cada equipa, inclusive quando possuem uma estrutura igual. Ainda no mesmo entendimento, Pinto, J. (1996) salienta que durante muito tempo falar de tática era falar em estruturas no 4-4-2, no WM, etc. No entanto, foi este entendimento pouco dinâmico e limitador da acção dos jogadores que vigorou. Como salienta Gomes (2006) este conceito de estrutura não pode ser redutor do conceito de organização porque apesar de condicionar a dinâmica do jogar, não compreende o verdadeiro sentido da organização como uma ordem dinâmica.

Tal como expõem Carlos Queiroz (2003:2) “não é só dizer joga-se em 4-4-2, nós podemos jogar em 4-4-2 e termos premissas, ou seja, princípios diferentes na abordagem do 4-4-2”. Desta forma, podemos verificar que os princípios de jogo que caracterizam o jogar de uma equipa são diferentes em

duas estruturas iguais, uma vez que esses princípios de jogo e sub-princípios de jogo são criações do treinador e que durante o processo de treino enfatiza de modo diverso os princípios o que por si só cria uma forma de jogar única e irrepetível. Existe uma relação entre os princípios de jogo e a estrutura tal como Mourinho (2003:19) exemplifica “ enquanto que o Milan, com três linhas [4:4:2], faz pressão em largura nós, com seis [2:2:1:2:1:2], procuramos fazer pressão em profundidade.” Deste modo a forma como se procura defender, ou seja, os princípios de jogo em termos defensivos devem estar articulados com a estrutura utilizada.

Quanto às características dos jogadores devem, mais uma vez, interagirem de forma adequada com os princípios de jogo e com a estrutura utilizada. Mais uma vez, pegando noutro exemplo de Mourinho (2003:3) este, enquanto treinador do F.C.Porto, refere que “...é muito importante as características individuais dos jogadores. Há jogadores que por si só é mais fácil empurrá-los para um pressing alto, para uma transição alta, do que outros. Por muito bem que se trabalhe há jogadores com os quais não se consegue atingir determinados objectivos. Eu quase me arriscaria a dizer, por exemplo, que a minha equipa sem Derlei e sem Maniche não pressionaria da forma como faz.” Do mesmo modo, quando um treinador possui uma equipa onde não existam extremos, mas possua médios e avançados com bastante qualidade, deverá ponderar não utilizar por exemplo uma estrutura de 4:3:3.

Por Organização Funcional entendemos a relação de princípios que dão corpo e alma a uma estrutura. Tendo em conta a estrutura, as características dos jogadores e a sua interpretação dos princípios e sub-princípios do modelo de jogo resultara uma determinada organização funcional, uma determinada dinâmica.

Esta configuração resulta de uma ideia de jogo que o treinador tem para a equipa e conseqüentemente a forma como desenvolve as relações dos jogadores nos vários momentos de jogo. A partir daqui a equipa manifesta determinadas características, a sua identidade.

## 4. OBJECTIVOS

Deste modo, através do cruzamento dos conhecimentos reunidos na revisão bibliográfica e pelos resultados da amostra, pretendemos:

- I – Verificar a necessidade de contextualização da dimensão táctica.
- II – Evidenciar a carência de um Modelo de Jogo como contextualizador da dimensão táctica.



## **5. MATERIAL E METODOS**

### **5.1. Descrição e Caracterização do Estudo**

Tendo em conta os objectivos do estudo, entrevistamos o Treinador e Professor Vítor Frade durante o mês de Novembro de 2006.

### **5.2. Metodologia de Investigação**

A parte da revisão bibliográfica do trabalho baseou-se numa pesquisa bibliográfica, no sentido de juntar e articular a informação que melhor enquadrava e sustentava a problemática em estudo.

Neste sentido, após a realização da revisão bibliográfica, onde nos enquadrámos com o existente acerca do tema, elaboramos a respectiva entrevista. Tendo sempre presentes as nossas preocupações, a entrevista ao treinador em causa foi semi-directiva, com base numa série de questões guia, abertas, proporcionando ao entrevistado que expusesse os seus pontos de vista de uma forma clara e o mais aprofundada possível.

A entrevista foi registada num gravador «Sony – DPC V.O.R.», sendo posteriormente transcrita para o papel, com a devida autorização e conhecimento do interveniente em causa.

#### **5.2.1. Recolha de Dados**

A entrevista ao professor Vítor Frade foi realizada durante o mês de Novembro de 2006 e teve lugar nas instalações da Faculdade de Desporto da Universidade do porto.

## 5.4. Material Utilizado

Foram utilizados os seguintes instrumentos de apoio para a realização do presente estudo:

- Computador Portátil Sony Vaio - VGN
- Gravador Sony – DPC V.O.R

## 6 . APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTA

### 6.1 - Entendimento Tático

Se a tática consubstancia o comportamento dos jogadores e do jogo, ela deve existir antes e simultaneamente modelar o mesmo. Assim sendo, deverá ser um guião para o futuro. Logo, uma definição de tática deve contemplar a preparação do jogar e a existência de uma organização que confira identidade. É neste entendimento que Frade (2006) compreende que o tático é uma regularidade que se manifesta numa equipa, resultante da presença organizada de varias dimensões. O nosso entrevistado acrescenta que essa dimensão se consubstancia na regularidade da manifestação de determinados princípios de jogo, resultado de um processo de treinabilidade que visa uma determinada forma de jogar sendo portanto uma “emergência” necessita de tempo para se manifestar.

Contrariamente às referências encontradas na revisão de literatura julgamos que a dimensão tática pode e deve ser considerado como algo mais do que um comportamento racional. Durante um jogo de futebol o tempo disponível para decidir é insuficiente para que se possa realizar uma reflexão ponderada de todas as soluções possíveis e de as comparar em relação aos seus efeitos previstos, assim como, as vantagens e os riscos que cada uma das hipóteses acarretaria. É nesse sentido que Frade (2006) refere “ para mim é muito mais do que isso, porque há muito a ideia de que o tático é o apelo ao racional e que por conversa se entende e depois as pessoas fazem [...] Para mim esse é que é o tático abstracto. Porque o tático concreto é aquele que acontece em jogo, dentro de uma organização.”

O tático ao ser pensado, ao aspirar a um futuro é porque possui uma construção à priori no sentido de modelar a competição. Tal como refere Frade (2006): “...eu quando opto por isso, quando eu imagino isso, quando eu conjecturo isso, já é o tático, embora sendo um tático específico que eu pretendo, ele não deixa de não ser teórico ou abstracto, porque só na feitura é

que ele se concretiza. Tudo isto é para frisar a importância do treino, porque é o treino que faz o tático, portanto, que produz o jogar e que produz a competição e não o contrário.”

Daqui se depreende a necessidade da construção da dimensão tática, pois para que aconteça no momento deverá ter uma base de sustentação e essa só poderá ser adquirida através do treino. Por isso mesmo, Frade (2006) refere “ O re-aferir é que interessa, é treinar o que se quer”. Ao entender o tático como algo construído mas que não está determinado à partida, surge a necessidade de gerir o “aqui e o agora” no intuito de contextualizar o meio em que o jogar se constrói. Nesse sentido, e uma vez que todo o processo da “periodização tática” se baseia num modelo de jogo, fará sentido seguirmos por esse caminho.

A metodologia denominada de “periodização tática” privilegia, como o próprio nome indica, a dimensão tática como predominante no processo de treino, onde as restantes dimensões do rendimento aparecem inter-ligadas, com o objectivo de rentabilizar o padrão de jogo de uma equipa. Tal como afirma Frade (2006), “Esse ao acontecer como concreto que é, não se pode negar à existência das outras dimensões “. Nesse sentido, a periodização tática ao considerar o tático como a interacção deliberada das dimensões técnicas, físicas, psicológicas procura não romper as mesmas no processo de treino. Visando deste modo uma maior contextualização tática.

## **6.2 Um Modelo de Jogo configurador de Inteligência**

Em relação à assertividade tática Frade (2006) reconhece que a mesma pode ter origem numa série de influências, mas determina que a influência do treino pode emprestar essa inteligência. Refere, “emprestar” uma vez que, existindo um modelo de jogo, essa assertividade faz-se de acordo com essa forma de jogar. E nesse sentido é emprestada para uma preparação para um contexto específico.

Para que o contexto possa ser cada vez mais inteligível, deve ser imposto de forma a que os códigos de leitura apareçam. Nesse sentido, se a

identidade da equipa se revela e se a equipa consegue recriar as situações com as quais está familiarizado pelo treino revela alguma qualidade. Tal como refere Frade (2006) “a equipa só tem alguma qualidade e está bem automatizada ou os hábitos têm de facto uma verdadeira afinidade com o que se quer, porque muito provavelmente em grandes partes do jogo impõem-se à equipa adversária, ou seja, o contexto acontece em função daquilo que a gente impõem. Portanto isto está a decorrer, está a decorrer conforme a gente quer. Portanto, os códigos de leitura que a gente tem estão condizentes com aquilo que podemos antecipar em relação ao que vai acontecer, se estivermos na realidade a dominar.”

Para que tal seja possível, é necessária assertividade por parte dos jogadores, para que a equipa manifeste o seu padrão de jogo. Para tal, Frade (2006) salienta que a assertividade “...também se treina porque, o que é ser inteligente? É resolver problemas que se colocam numa realidade. Portanto, o tomar partido por uma forma de jogo, jogar em função dessa forma de jogo e treinar em função dessa forma de jogo pode-se predispor, para quem já tenha alguma sensibilidade para as coisas, para o aparecimento da inteligência, para o apurar do solucionar esses problemas.” Pelo exposto na revisão bibliográfica a interacção inteligível é tanto melhor quanto maior for a interligação lógica entre os elementos e a familiarização do sujeito com os mesmo. Podemos assim concordar com Frade (2006) ao considerar que, no exemplo que dá do jogador João Moutinho, a assertividade é ajudada pela existência de “...uma concepção de jogo, um modelo de jogo, ajuda-lhe a apurar a inteligência para o específico, para uma forma de entender o jogo que é a do Sporting, treinando essa forma de entender”.

Ainda dentro do mesmo entendimento Frade (2006) utiliza Mourinho como exemplo “Porque ele diz que jogador que não é inteligente não lhe serve e porque é que ele diz isso? Porque ele quer uma forma de jogar e quando começa preocupado com ela, no sentido de a modelar... é por isso que ele fala na descoberta guiada. Ele sabe para onde quer que os jogadores vão mas quer que sejam eles a ir. Agora, isso só é possível quando o jogador tomar consciência do que se quer através da elucidação e depois fabricar exercícios

correspondentes a isso. Com esse constrangimento, ele está preocupado com determinados princípios que quer que aconteçam, mais ou menos assim, e arranja exercícios que sejam condicionantes no sentido que isso seja o foco principal, e ele intervém de forma a elucidar.” Os exercícios ao corresponderem ao modelo de jogo e segundo a Especificidade definida pela “periodização tática” tornam-se direccionadores emocionais, que como Frade (2006) refere “É uma inteligência muito especial. Porque é uma inteligência em movimento a inferir qualidade em situação de grande tensão emocional. É evidente que, quando a inteligência se forma, forma-se também nesse jogo da razão e da emoção, da sentimentalidade e da facilitação no resolver das situações”

### **6.3 A organização da identidade**

Ainda no sentido da revisão bibliográfica Frade (2006) também evidência a necessidade da existência de uma organização para que a equipa tenha uma identidade. No entanto, ao considerarmos o modelo de jogo como o projecto de organização, também o entendemos como potenciador de auto-organização ao concebê-lo como “modelo de jogo recriado”. Nesse entendimento, o modelo de jogo procura conferir diferentes níveis de autonomia aos jogadores. No entanto, essa autonomia não é total. É uma autonomia relativa onde, tal como salienta Frade (2006), os jogadores auto-organizam-se em momentos de conflitualidade de forma a possibilitarem uma solução que mantenha o padrão de jogo. Ou seja, sem perda de identidade. Nesse sentido os jogadores possuem e vão progressivamente adquirindo uma autonomia relativa. Tal como Frade (2006) refere “esse é que é o tático porque esse jogar é a impressão organizada de um propósito de jogo. Portanto da presença de determinados princípios aos quais o treinador aderiu e em relação aos quais treinou para que aparecessem.”

Um entendimento tático que parte de um jogo geral como criador do treino carece de contextualização, uma vez que as ocorrências desse jogo contêm regularidades vagas, portanto, desarticuladas. Ainda como refere Frade (2006) “É evidente que sim, a sua identidade não é resultante daquilo que nós

temos em comum. O futebol tem regras e as regras impõem uma determinada lógica que é geral, não há futebol sem ataque, não há futebol sem defesa, não há futebol sem passar de um lado para o outro. Agora, o que distingue o verdadeiro futebol, é que há uma racionalização destes momentos em função da acentuação de uma lógica, da presença de determinadas dinâmicas. Não interessa fazer transições de qualquer modo, interessa fazê-las, fundamentalmente, de determinado modo. Portanto, pôr princípios para isso.”

Apenas contemplando um modelo de jogo e uma operacionalização do mesmo, segundo o princípio da especificidade é que a aproximação a essa identidade se realiza. Ainda como o mesmo refere (2006) “Tudo isto é para frisar a importância do treino, porque é o treino que faz o tático [...] o jogar e que produz a competição e não o contrário.” Assim, um entendimento tático contextualizado pelo Modelo de Jogo que coloque o treino como criador do jogo revela-se contextualizado, uma vez que as ocorrências desse jogo são construídas com vista a um conjunto de regularidades articuladas.



## 7. Conclusões

No âmbito dos objectivos a que nos propusemos realizar somos levados a concluir, em consonância com a discussão do trabalho, que:

- As definições existentes sobre a dimensão táctica são diversas, apresentando diferentes interpretações;
- Segundo o entrevistado, prof. Vítor Frade, a dimensão táctica deve ser contextualizada;
- A dimensão táctica deve ser encarada como o resultado da interacção entre as restantes dimensões técnicas, físicas e psicológicas.
- A existência de um Modelo de jogo é importante no sentido de contextualizar a dimensão táctica durante o jogo e o treino da equipa.
- A interacção das dimensões deve ser direccionada por princípios de jogo definidos pelo Modelo de jogo, de modo a criar uma regularidade comportamental.
- Os princípios específicos de um modelo de jogo, ao serem próprios de uma determinada forma de jogar revelam-se mais contextualizadores que os restantes.
- A intervenção, gestão, do treinador é fundamental para a operacionalização e contextualização da dimensão táctica.



## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Araújo, D. (2005): *O contexto da decisão – a acção táctica no desporto*. Visão e contextos, lda.
- Artur Jorge (s.d.): Entrevista da Divisão de Formação da DGD. *Treino Desportivo*.
- Berger, P. & Luckman, T. (2004): *A Construção Social da Realidade*.; 2ª edição; Dinalivro
- Bruno Oliveira (2002): *Um embuste, a ualidade do Futebol Italiano? Um novo ponto de partida: a estrutura acontecimental da...«carga versus desempenho»*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- Carvalho, C (2001). *No treino de futebol de rendimento superior. A recuperação é...muitíssimo mais que “recuperar”*. Liminho industrias gráficas, Lda. Braga.
- Caldas, A. (2006): As janelas do conhecimento. *Ser saúde. Revista bimestral de ciência de investigação em saúde*, nº2 – ano 2006 Novembro/Dezembro.
- Castelo, J. (1996): *Futebol – A organização do jogo*. Edição do autor.
- Chirosa Rios, I.j. & Chirosa Rios, I. (s.d.). *El Trabajo integrado dentro del entrenamiento de un procedimiento de juego en balonmano*: ([www.aebm.com/ct176.htm](http://www.aebm.com/ct176.htm))
- Chirosa Rios, I.j. & Chirosa Rios, I. & Puche, P.P. (1998): *Planificacion Y Secuenciacion de un Modelo de Êntrenamiento Integrado Dentro del Juego Complejo en Balomano. El Trabajo integrado dentro del entrenamiento de un procedimiento de juego en balonmano* (<http://www.efdeportes.com/efd11a/bnm.htm>)
- Cunha e Silva, P. (1995): *O Lugar do corpo*; Tese de doutoramento. F.C.D.E.F.-U.P.
- Cunha e Silva, P (2003): Entrevista in: Tavares, J. (2003). *“Uma noção fundamental - a especificidade: o como investigar a ordem das "coisas" do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal”*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- Damásio, A. (2001): *O Erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano*. Publicações Europa América, 22ª edição.
- Damásio, A. (2003): *Ao encontro de Espinosa – as emoções sociais e a neurologia do sentir*. Publicações Europa América.
- Dennett, D. (2003): *A liberdade evolui*. Temas e Debates – actividades editoriais, Lda. 1ª edição Julho de 2005. Lisboa.

- Esteves, F.(2002): *Concepção versus Concessão – Periodização Tática sem Operacionalização*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto
- Frade, V. (1985): *Alta Competição – que exigências de tipo Metodológico*. Comunicação apresentada ao curso de actualização do I.S.E.F.-U.P.
- Frade, V. (1998): Entrevista in: Rocha, F.(1998) : *Modelo(s) de jogo / Modelo(s) de Preparação – “Duas faces da mesma moeda”*. Um imperativo conceptometodológico no processo de treino de equipas de rendimento superior? Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto
- Frade, V. (2004): Entrevista in: Leal, P. (2004): *Diferentes entendimentos, diferentes orientações metodológicas*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto
- Figueiras, L. (2004): *«Periodização Tática: um “Conceito” com “Futebóis” de muitos “Rostos”»*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto
- Freitas, S. (2005): *A especificidade que está na «concentração tática» que está na especificidade...no que deve ser uma operacionalização da «periodização tática»*. Edição do Autor
- Garcia, J. L. (s.d.): *Balmano:Metodologia Y Alto Rendimiento*. Barcelona: Paidotribo.
- Garganta, J. (2005): Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um futebol com pés...e cabeça; in Araújo, D. (2005): *O contexto da decisão – a acção tática no desporto*. Visão e contextos, lda.
- Garganta, J. & Cunha e Silva, P. (2000). *O Jogo de futebol entre o caos e a regra*. Revista Horizonte. Vol. XVI - nº91.
- Garganta, J. (1997): *Modelação tática do jogo de futebol – estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento. F.C.D.E.F.-U.P.
- Goleman, D. (1995); Boyatziz, R.; Mckee, A.(2002): *Os novos lideres. A inteligência emocional nas Organizações*. Gradiva. Lisboa.
- Gomes, M. (2006): *Do pé como técnica ao pensamento técnico dos pés dentro da caixa preta da periodização tática – um estudo de caso*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto
- Graça, A. (1998): *O ensino dos jogos desportivos*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos e de Educação Física – Universidade do Porto.
- Grehaigue (1992): *L`Organisation du jeu en Football*. Editions Actio.
- Guilherme Oliveira, J. (1991): *Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-futebol”*. Um factor condicionante do alto rendimento desportivo. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto.

- Guilherme Oliveira, J. (2003): Entrevista in. Leandro, O (2003): *Modelo de Clube: da concepção à operacionalização – um estudo de caso no Futebol Clube do Porto*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- Guilherme Oliveira, J.(2003) *Programação e Periodização do treino em futebol*. Gabinete de Futebol, FCDEF – UP Documento não publicado.
- Guilherme Oliveira, J.(2004): *Contributo para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino aprendizagem/treino do jogo*. Tese de Mestrado. FCDEF-UP
- Guilherme Oliveira, J.(2006) Entrevista in: Gomes, M. (2006): *Do pé como técnica ao pensamento técnico dos pés dentro da caixa preta da periodização tática – um estudo de caso - Dissertação de licenciatura*. FCDEF-UP. Porto
- Joshua Foer (2005): *How to win the U\_S\_ memory championship*.  
(<http://www.Slate Magazine.htm>)
- Martins (2003): *Implementação do modelo de jogo: da razão à adaptabilidade com emoção*. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- Matveev, P. (2001). *Teoria General del entrenamiento deportivo*. Barcelona: Editorial Paidotribo.
- McCrone, J. (2002): *Como Funciona o Cérebro*. Dorling Kindersley – civilização editores, Lda., Porto.
- Mourinho, J. (2002): Quero ganhar títulos com um futebol atractivo. *Revista Dragões; Ano 16, nº201*.
- Mourinho, J. (2003): Entrevista in: Amieiro, N. (2004): «Defesa à zona» no futebol: A «(Des)Frankesteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar. Tese de Licenciatura. FCDEF-UP.
- Mourinho, J. (2003): Entrevista in: Barreto, R. (2003). *O problematizar de dois princípios de jogo fundamentais no acesso ao rendimento superior do futebol. O «PRESSING» e a «POSSE DE BOLA» expressões duma «descoberta guiada» suportada numa lógica metodológica em que «o todo esta na(s) parte(s) que está(ão) no todo. A equipa sénior do Futebol Clube do Porto 2001/2002 e 2003/2003: um «estudo de caso»*. Tese de Licenciatura. FCDEF-UP
- Morin, E. & Boris Cyrulnik (2004): *Dialogo sobre a Natureza Humana*. Instituto Piaget. Lisboa.

- Morin, E. (2001): *Introdução ao Pensamento Complexo*. 3ª Edição. Instituto Piaget. Lisboa.
- Myers, C. (2005): *Mnemonics* – (<http://www.Memory Loss and the Brain.htm>)
- Oliveira, B. et al (2006): *Mourinho – Porquê tantas vitórias*. Gradiva Editora
- Paulo Bento (2006): “O Jogo”; quarta-feira, 25 de Outubro 2006, pág. 2
- Pendick, D. (2005): *The Masters of Memory* (<http://www.Memory Loss and the Brain.htm>)
- Paulo Sousa (2006): “A Bola” 23 de Outubro de 2006, pág. 24
- Pierre Jacob & Gilles Lafargue (2005): Tradução do texto intitulado: “*Les intentions inconscientes*”, *Cerveau & Psycho*, nº 9, Março-Maio.
- Pinto, J (1996). A tática no futebol: abordagem conceptual e implicações na formação. in j. Oliveira & F. Tavares (Eds), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. FCDEF-UP
- Valdano - *O Público*. 1998 4ª feira 1 de Julho, pág. 35
- Valdano - *O Público*. 1998 4ª feira 14 de Julho, pág. 29
- Queiroz, C (1983): *Para uma teoria do ensino /treino de futebol*. Ludens Vol. 8, nº1, Out./Dez.1983
- Queiroz, (2003): Entrevista in: Tavares, J. (2003). “*Uma noção fundamental - a especificidade: o como investigar a ordem das "coisas" do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal*”. Dissertação de licenciatura. FCDEF-UP. Porto.
- Teodorecu, L. (1984): *Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos*. 2ª Edição (2003) Lisboa: Livros Horizonte.
- Wilmore & Oliveira: *O exercício do processo de treino de futebol –proposta metodológica*. ([www.efdeportes.com](http://www.efdeportes.com)) revista digital nº81; Ano10.

## 9. ANEXOS



Entrevista ao Prof. Vítor Frade 8 de Novembro de 2006  
15:30 (FCDEF)

M.C.- Eu gostava de saber como é que entende o tático e se consegue encontrar algum ou alguns pontos onde reside essa bifurcação. Ou seja, se podemos identificar uma origem comum para diferentes entendimentos.

V.F.- Eu não tenho nenhuma preocupação com isso porque, quem não entender as coisas como eu entendo, não pode estar naquilo que eu entendo poder ser um processo de treino da periodização tática. Para mim o que é fundamental é a coerência. O que se pensa e depois é isso que também permite agir em concordância e em coerência também. Desde que isso não seja evidente de...

M.C.- Mas já referiu pelo menos uma vez o termo tático abstracto, então para si o que é isso?

V.F.- Uma coisa é a dimensão tática, universalizante é um equacionar por uns de uma maneira e por outros de uma outra maneira. Mesmo que depois a contemplem do mesmo modo que eu, ou não. E mesmo até aqueles que por hipótese entendam tudo isto como eu entendo podem ter uma concepção diferente de tático, mas não é uma concepção diferente, é diferente em termos de ideia de jogo...

M.C.- Então o mais importante é cada um possuir a sua ideia de jogo e ser coerente com a mesma?

V.F.- Para mim é mais do que isso, porque há muito a ideia de que o tático é o apelo ao racional e que por conversa se entende e depois as pessoas fazem. No entanto, o mexer já é outra coisa. E eu não afino por esse diapasão. E acho que é um contra-senso. Para mim esse é que é o tático abstracto. Porque o

tático concreto é aquele que acontece em jogo, dentro de uma organização. E esse ao acontecer como concreto que é não se pode negar à existência das outras dimensões.

M.C.- As primeiras abordagens no estudo da dimensão tática preocuparam-se a isolar a mesma em fases, factores, formas e princípios de jogo. Apesar de ser necessária a separação para uma melhor compreensão devemos ter em atenção que tal separação resulta em problemas no momento da sua união. O que falta a esta abordagem didáctica global?

V.F.- É uma racionalização irracional. Por isso é que eu ponho ênfase no objecto de jogo. E o objecto de jogo para mim é o jogar e o jogar é dinâmico. Claro que pode ser um tático mais complexo, mais evoluído, menos evoluído.

M.C. – O que entende por uma equipa longe do ponto de equilíbrio?

V.F. – Primeiro é preciso saber se ela tem equilíbrio. As equipas quando têm uma identidade têm necessariamente uma organização, mas se é uma organização que expressa qualidade é uma organização de cariz um pouco especial, ou seja, defrontar os obstáculos que são as outras equipas e a um nível elevado as outras equipas também têm qualidade. Muitas vezes à que se expor, há que correr riscos. Portanto, nesses momentos, nessas circunstâncias, as equipas estão longe do equilíbrio ideal, estão a correr riscos. Dou-lhe um exemplo concreto, o Arsenal é uma equipa que eu gosto muito de ver jogar mas que está do meu ponto de vista várias vezes demasiado longe do equilíbrio. Porquê? Porque traz para o ataque e nas imediações da área adversária normalmente 8 jogadores e deixa 2 centrais mais recuados. Agora, as outras equipas também jogam, há erros naturais como em todos os fenómenos da vida. Portanto, o erro como algo de natural, e numa situação desse tipo, a equipa expõe-se mais facilmente a poder ser contrariada e portanto esse longe-do-equilíbrio é uma possibilidade mas é um risco, mas é também uma possível contrariedade. Eu quando falo nisso quero-me referir

fundamentalmente a top porque, quando o nível cresce o confronto é muito nivelado e só através de algum risco é que a superação pode acontecer.

M.C. – Essa equipa longe-do-equilíbrio, confere mais liberdade e autonomia aos jogadores?

V.F.– Acho que só faz sentido utilizar determinados termos utilizando determinado entendimento. Um organismo tem vantagem em estar longe do equilíbrio ou utilizando outra linguagem, estar no limiar do caos ou estar com hipóteses de transcendência e isso é, se calhar pegando numa definição de Capra, e eu subscrevo, onde diz que a verdadeira identificação dos sistemas vivos não é a auto-organização é sim a criatividade. Portanto, é nessa confrontação com o envolvimento, que não devo perder aquilo que é a minha identidade. Mas tenho muitas vezes de esgrimir contra o envolvimento e superá-lo. Através do quê? Da criatividade. Esse acrescento que vem para mim é o crescimento qualitativo na própria auto-organização sem perda de uma matriz que sustenta a auto-organização. É por essa razão que eu até nem lhe chamo auto-organização, chamo-lhe auto-engendração. Mas pronto, podia usar o termo de autopoiese e a seguir o de estrutura dissipativa. Mas a estrutura dissipativa não pode ser vista tendo em conta a totalidade do organismo, é uma particularidade, mas que pela causalidade ascendente e descendente que incorpora qualquer organismo, com mais ou menos tempo, leva o organismo a se alterar... Mas isso, é o processo de treino, isso faz o treino! No início, a qualquer jogador, a capacidade de estar longe do equilíbrio é muito menor do que aquela que tem depois, porque o treino empresta-lhe outra segurança, quanto mais não seja ele identifica-se melhor com as funções que cabem aqueles que estão nas posições ao lado, e eles entram noutras e ele vai crescendo. Quando me falou à pouco no problema dos graus de liberdade, o problema é esse. Mas isto tem de ser visto primeiramente ao nível de um plano do organismo inteiro, a equipa. E quando uma determinada aquisição se faz em termos colectivos é que é lógico começar a pensar na possibilidade de alguns “excessos” em termos de graus de liberdade ou de longe do equilíbrio

do individual, porque senão era anarquia. Não há, como dizia o Valdano, criatividade sem ordem. É preciso uma ordem, e quando a ordem é sofisticada, é complexa, demora mais tempo estruturalmente a constituir-se como auto-organização, mas é uma auto-organização que é conseguida e concretizada no sentido de possibilitar a auto-engendração. Por exemplo, numa entrevista da Sporttv ao Mourinho perguntaram-lhe se o seu jogo tem desordem e ele respondeu que para ele era tudo ordem. E deu-lhe o exemplo do Derlei, onde disse – ele anda por todo o lado, mas nós não sabemos por onde, nem eu sei e se calhar nem ele sabe. Agora, o que nós sabemos é que, para ele poder andar assim, nós estamos dispostos de determinada maneira, para que isso não se constitua como qualquer coisa que seja entrópico. É neguentrópico, é de facto o feedback que em termos de regra, pelo menos que daí emana, é interferente na causa que lhe deu origem, portanto na equipa, que é o suporte e influenciador ... porque isto nos inícios, ou se calhar, durante o primeiro ano o Derlei não tinha aquela liberdade, ou melhor, não é não tinha, é não podia ter aquela liberdade. Mas isto também podia ter um outro lado, porque o Mourinho vai dizer um ano depois que por força de ele notar um certo laxismo, não propositado ou deliberado. Mas nota que aquela indisciplina resulta da facilitação de se moverem naquele sistema. E então, ele para interferir no todo, no bocado que é a dimensão psicológica, ele vai requerer maior exigência, uma maior fixidez de preocupação em cada um dos jogadores para uma conveniente absorção, ele vai re-periodizar para colmatar um problema de indisciplina, ou seja, da dimensão ou da sub-dimensão psicológica e ele interfere outra vez no tático. Portanto, o tático para mim é isto. Mas o Mourinho não tem esse tático quando pensa nele, ele quer esse tático. Portanto, é o futuro que vai ser determinante. Mas quando depois ele consegue o tático é uma emergência, é uma auto-engendração que re-aferiu e re-acertou uma série de sub-dinâmicas.

M.C: Essa auto-engendração é maior ou seja, torna os jogadores progressivamente mais autónomos?

V.F. – Não sei se é maior, é diferente. Ele depois analisa-a abstractamente o 4-3-3 e o 4-4-2 e diz que o 4-4-2 tem muitos defeitos mas taticamente é muito mais qualitativa, muito mais exigente. É preciso que se dinamize a disposição estrutural inicial, digamos as condições iniciais. Deixa, tendo em conta a importância que assume a abrangência transversal, muitos pontos mortos. Como ele diz, é mau o sistema e só é compensável com uma complexidade de dinâmica que no início ninguém tem por maior entendimento racional que possa conseguir, declarativo ou como eu chamo “31 de boca”, e ele diz que não acredita em palestras e nesse tipo de conversa que não é nada. O re-aferir é que interessa, é treinar o que se quer. Mas para isso é preciso saber o que quero.

M.C. - Como é que calibra essa liberdade?

V.F. – Repare, o Mourinho diz que primeiro diagnostica, anda à procura para, em caso de necessidade, saber onde há-de ir buscar. Mas acontece muitas vezes que ele vai buscar jogadores e, tempos depois, dizer que não lhe serve porque há aspectos que não são decifráveis. É preciso verificar um contacto continuado com o problema e outras situações para ver que tipo de resposta, se a resposta é colectiva, portanto, se são inteligentes ou não. Porque ele diz que jogador que não é inteligente não lhe serve e porque é que ele diz isso? Porque ele quer uma forma de jogar e quando começa preocupado com ela, no sentido de a modelar... é por isso que ele fala na descoberta guiada. Ele sabe para onde quer que os jogadores vão mas quer que sejam eles a ir. Agora, isso só é possível quando o jogador tomar consciência do que se quer através da elucidação e depois fabricar exercícios correspondentes a isso. Com esse constrangimento, ele está preocupado com determinados princípios que quer que aconteçam, mais ou menos assim, e arranja exercícios que sejam condicionantes no sentido que isso seja o foco principal, e ele intervém de forma a elucidar. Então, isso é uma espécie de configuração geral porque depois ninguém sabe, o jogador até pode desmaiar, sei lá, estamos a circular a bola e era para levar a bola até aquele flanco para depois rapidamente mudar

para o outro lado, e aproveitarmos uma situação de 1x1, mas entretanto a meio um jogador caiu...é evidente que face a isso a bola chegou a meio e o gajo meteu um passe no ponta de lança. Mas para isso não há equação, não há nem eu quero que haja. Agora, isso é feito tanto mais facilmente quanto a descoberta guiada estiver presente, quer dizer, ele não dá a solução, ele dá unicamente o tema, ele quer que seja assim e é por isso que tem lógica os jogadores dizerem que não existem dois jogos iguais. Ele treina organização defensiva, se tiver um relativo grau de complexidade hoje, amanhã não regista nenhuma vez a mesma coisa exactamente. Em termos locais, foi por aqui, foi por acolá. Isso é aspirar à ordem dos cemitérios e o jogo não a tem. Mas só faz sentido porque a equipa só tem alguma qualidade e está bem automatizada ou os hábitos têm de facto uma verdadeira afinidade com o que se quer, porque muito provavelmente em grandes partes do jogo impõem-se à equipa adversária, ou seja, o contexto acontece em função daquilo que a gente impõem. Portanto isto está a decorrer, está a decorrer conforme a gente quer. Portanto, os códigos de leitura que a gente tem estão condizentes com aquilo que podemos antecipar em relação ao que vai acontecer, se estivermos na realidade a dominar. Portanto estamos mais despertos para a possibilidade do aleatório, do acessório, porque aí é que faz sentido dizer “até jogam de olhos fechados”. Já que isto é uma barbaridade, não tem verdade absolutamente nenhuma, porque ninguém pode jogar de olhos fechados, mas no entrosamento, de facto, isto aceita-se... em minha casa eu não preciso de acender as luzes para andar, agora na sua com certeza que preciso. Portanto, há que distinguir bem! Por exemplo, você vai à Foz, quer comprar um terreno e paga uma exorbitância... e vai à areosa e paga pela mesma área bastante menos. Portanto, há já uma valoração simbólica dos espaços de uma maneira diversa, tendo em conta por um lado, como o jogo deve ser entendido e depois como a minha equipa valoriza esses espaços, em função do tipo de jogo que quer. Portanto, os graus de liberdade, mesmo a nível individual, decrescem necessariamente tendo em conta algumas zonas, as mais recuadas, os espaços mais recuados, mesmo, e não exclusivamente, para os indivíduos que jogam predominantemente nessas zonas, até aqueles que circunstancialmente

por lá passam. Um avançado qualquer pode passar pela zona recuada e o inverso também é verdadeiro.

M.C. – Em termos colectivos a liberdade é menor, os princípios são mais fechados?

V.F.– É fechado no sentido de manter a matriz, o padrão. Há uma multiplicidade de montanhas, você distingue o Evareste da Serra da Estrela. Mas a rugosidade, os pedregulhos aquilo que ao longe não se distingue, ao chegar lá, ao se aproximar é diferenciada, mas não perde o padrão. Portanto, não deixa de ser montanha. Mas você vê de trás ou de frente e ela é um bocado diferente. Ora, também para um jogador isto é assim, porque ele cumpre uma posição, cumpre uma função, mas há determinados jogadores, que por força de determinadas funções, a configuração geométrica dos seus comportamentos tende para o infindável, digamos assim, isto para utilizar uma linguagem fractal. Portanto, eles estão dentro da função mas de facto é importantíssimo, quanto mais não seja, pela capacidade que eles têm de enganar e isso já não é tão verificável. Sei lá, o leque registável de gestualidade diferenciada é muito menor num central do que num ala ou jogador do meio-campo. Mas por exemplo, se pensarmos em grandes equipas qualquer jogador depende de um sector e ainda mais para quem entende o jogo de determinada maneira como é o caso do Mourinho. Cada equipa tem graus de liberdade que são limitados, mesmo em termos de sector. É por isso que o sector defensivo tem uma sub-dinâmica, o sector intermédio tem outra sub-dinâmica e o sector atacante tem outra sub-dinâmica. Portanto, o que é que eu quero dizer com isto é que independentemente da maior liberdade que os indivíduos têm nalgumas destas sub-dinâmicas, estão sempre constrangidos à presença da lógica do próprio sub-sistema e ainda mais, conjugando estas três sub-dinâmicas, algumas equipas (como é o caso do Mourinho) querem que o conjunto destas três dinâmicas, dos três sectores, tenha elementos que são mais fixos do que os outros. Portanto, eles entre si

constituem um sub-sistema mais fixo e um sub-sistema mais movél, portanto isto revela complexidade p´ra caraças!

M.C. - Existem equipas de formação que jogam por exemplo com uma linha defensiva muito fixa dando muita liberdade aos restantes jogadores, como entende em termos de riqueza para a formação dos jogadores?

V.F.– Não sei. Nós podemos questionar isso e indagar isso se tivermos o percurso todo, porque é que eles pensam assim, não é? Pode ter uma lógica ou várias lógicas, a gente constrói quantas lógicas quiser. E isso dá-se muitas das vezes por insuficiência da nossa cabeça compreender a complexidade do verdadeiro objecto que temos em mãos e reduzimo-lo, mutilamo-lo e utilizamos uma lógica que não tem nada a ver com a lógica..! O Mourinho diz assim, ” não, para mim não há defesa e ataque, há as duas coisas sempre com graus diversos de complexidade, mesmo quando estou a treinar”. Senão não é jogo. Porque o jogo nunca é atacar ou defender, é sempre as duas coisas. Agora, se eu entender isto assim, a minha preocupação em relação aos exercícios coloca-lhe uma determinada lógica, se eu entender de uma outra maneira coloca-lhe outra lógica. A lógica é um exercício racional, e como eu às vezes gostava de dizer “a razão é uma prerrogativa tão humana que até o cretino tem tino.”

M.C.– As características de um jogador influencia os graus de liberdade dos restantes jogadores, assim como a estrutura utilizada que poderá ou não permitir uma maior aproximação entre jogadores e diferentes relações.

O que entende por organização funcional e qual a sua interacção com os graus de liberdade?

V.F.– É que nunca pode ter uma expressão muito significativa funcional se a dinâmica que emana da existência de uma determinada estrutura não for pensada como complexa

M.C. - Existem equipas que possuem uma movimentação colectiva com bastantes referências posicionais e com poucas trocas posicionais mas com muitos papéis, outras com uma maior liberdade posicional com maior troca de posições, principalmente em termos ofensivos. Como vê estas diferentes liberdades e a sua riqueza na formação de jogadores?

V.F.— Em termos de formação eu só posso estar à espera de retirar grandes proveitos da realização dessa mobilidade global se depois em termos individuais a expressividade do meu corpo... ora o que leva a reconhecer que primeiro, como preocupação durante o percurso da formação, tem que estar o acréscimo mais do que a sujeição dos indivíduos a uma lógica colectiva, tem que estar a assimilação de um esboço de lógica colectiva, como se costuma dizer, que o bom jogo é facilitado se a posição for triangular. Mas no início eu não posso estar muito preocupado em levá-los a assimilar, a entender, em ser capaz da complexidade máxima que se pode atingir em termos de organização de jogo num 4-4-2 ou num 4-3-3, é uma aberração! Agora, posso é também utilizar meios que os constremem e que os triângulos apareçam muito mais e isso vai-se constituir com tempo, como facilitador da apreensão do mais complexo, em termos de dinâmica dos objectivos. Mas na formação é prioritário crescer em familiarização do corpo com a bola, o toque a recepção...eu devo estar preocupado em que esse aspecto seja um complemento efectivo àquilo que eu proponho sempre como situações jogadas quer sejam 3x3, 6x6. Primeiro eles têm que estar à vontade com a bola e só depois disso...

M.C. - Mas sendo juniores, jogadores no último ano de formação?

V.F. – Não sei, eu noto uma inversão extraordinária. Este apelo muito grande desde muito cedo ao “colectivo”! Como cada vez mais a inexistência do futebol de rua e da incorporação de grande tempo de gestação de contacto com a bola é facto, eu não posso estar a desejar nem estar à espera de exigir que eles passem bem, se eles não têm uma relação amistosa com a bola. Isso, só é possível se eu tiver um contacto facilitado e logo muito cedo. Porque aquilo que

o futebol pede na relação com o seu objecto é manifestamente contraditório àquilo que pede a hominização às pernas depois do processo de hominização, porque as pernas e os pés emanciparam-se para nos locomovermos e para estarmos de pé, não foi para fazermos com os pés aquilo que as mãos fazem, portanto é uma espécie de inversão. Se você pegar no homúnculo de penfield motor e sensitivo vê que a representatividade dos pés e das mãos e uma série de partes do corpo quase nem lá está. Agora, acreditando na evolução, os nossos primos mais próximos são os chimpanzés e esses sim, utilizam os pés e as mão indiscriminadamente, nós não o podemos fazer. E eu só consigo receber bem e passar bem se...porquê a vertigem velocidade por exemplo? O que é importante é jogar com as velocidades da velocidade e só se joga com as velocidades através...do ritmo. Acelera, desacelera, é como na música, os tempos mortos também fazem parte da música e isso só é possível quando eu consigo que a rapidez colectiva resulte... de um dei de primeira e você recebeu e deu de primeira É essa técnica individual que permite que a velocidade colectiva se dê. Sem uma passagem anterior de familiarização que resulta do muito tempo de contacto com a bola. Ela não é possível, portanto, independentemente de isto estar a acontecer e devia estar a acontecer, já que aquilo que acontece no futebol de rua é jogar, e para isso só familiarizando-se com a bola. Eles se estão 10 é 5x5 se estão 11 é 6x5, às vezes até jogas tu deste lado e depois jogas daquele. E jogam até à noite, o futebol de rua é um estado de alma. Agora, o que nós podemos fazer é tornar o estado de alma num estado de cultura, emprestando-lhe racionalmente determinadas coisas, não lhes tirando o jogo porque isso é o núcleo duro. Se calhar, fazendo com que eles não façam um jogo qualquer, eu defendo que é o 6x6, mas como um fim e muitas das vezes 3x3, 4x2 propositadamente para facilitar isso. E numa primeira fase isso é acentuação da familiarização com a bola. E só depois disso é que eu começo a preocupar-me noutra fase com o passe e a recepção. E só depois é que então situações mais difíceis, enfatizar em complemento o 1x1, e eles já começam a perceber que dois aqui ou dois atrás já é diferente. Mas eu ainda não estou preocupado em que eles percebam o que é a zona ou a zona pressing. Porque isso é uma aberração! O que se deturpou, pelo que

vejo nos jogos dos miúdos, e incomoda-me andarem amestrados, parecem uns «papagaios» que nem fazem uma simulação nem fazem uma finta e isso é um contra-senso. A isso é o que eu chamo o holismo balofo ou abstracto, está a perceber? As pessoas não entendem...

M.C. – Mas no último ano de formação necessitam de se apoiar numa ordem colectiva forte para que juntos consigam ajudar ao sucesso do individual. Agora qual será a melhor forma em termos de liberdade e de constrangimentos?

V.F. – Não sei, isso não se constitui como constrangimento. Antes pelo contrário, é uma muleta, é eu saber como as coisas estão para lá de mim. Isso é uma âncora que me solta a inteligência. Agora, eu só a aprecio se a tenho usado. Eu não vejo constrangimento absolutamente nenhum, isso é de facto, uma muleta e o jogo é qualquer coisa que está a acontecer e para o qual eu tenho de estar totalmente desperto.

M.C. - Cada equipa tem graus de liberdade muito próprios, mas o ideal será que os vá aumentando?

V.F. – Não sei se isso se consente. Os jogadores podem aumentar o número de papéis que desempenham mas alto aí, mais devagar. Eu por exemplo acho um contra-senso, uma estupidez, equipas que eu vou ver. Vai mais vezes ao último terço do campo o lateral direito do que o Ala. Eu acho uma aberração. Mas tenho consciência que é um modo de entender o jogo, e ainda dizem que são os laterais modernos. Uma equipa tem de ser... uma caixa de velocidade é uma caixa de velocidades, o diferencial é o diferencial e tem que sê-lo. Agora, você pode em determinado momento, se vai em quinta, não precisa das outras quatro, ou se partir a terceira até pode continuar ... há coisas que têm de ser fixas e como fixas em termos de coisa tem um limite, senão desestrutura um padrão. Agora, esta complexidade, este jogar no limite, tem a ver com aquilo que eu concebo o futebol para cada uma dessas coisas. Eu, no modo de ver o futebol, o gajo que joga à frente dos centrais é um dos elementos mais

importantes na construção do ataque. Portanto, nunca eu lhe chamo trinco, para mim é o pivot. Agora, ele tem que defender de modo a que se possa ficar com a bola, porque para as equipas boas, interceptar não chega, se eu não fico com a bola não interessa. E esse pivot, como é o jogador que está mais atrás, mesmo que não seja ele a ficar com a bola, é ele o ponto de referência porque é o jogador mais fixo. É um jogador farol, não pode ser pirilampo, a bola deve ser dirigida para ele para que ele ponha curto ou longo. Agora, a maioria não entende isto assim, entende de outra maneira. Isto implica que a articulação deste com os dois da frente seja diversa, esse com os dois de trás articulações diversas, portanto não é ele que desce mais vezes e vem intrometer-se entre os centrais para defender, têm que ser os laterais. Porque ele é um jogador mais solto, quanto mais ele fugir dali menos ele é o apoio para depois lançar o ataque. Portanto, isto são lógicas de jogo, são ideias de jogo e ideias fixas porque só não tem ideias fixas quem não tem ideias. Em termos de futebol não há problema nenhum, quanto mais ideias melhor. E depois, na necessidade de desdobrar certas situações e certas articulações das posições umas com as outras, quando um jogador muda de posição muda de função. Se muda de função tem que a entender e, como são dez, não se entende logo. Primeiro as mais próximas e depois as mais afastadas. É evidente que só para lhe dar o exemplo, quando o Mourinho cá estava, a certa altura, aleijou-se o Costinha. Ele andava preocupado com quem é que lá devia colocar e a certa altura, diz-me ele, é pá já decidi, vou colocar lá o Maniche. E sinceramente, eu na altura não disse nada porque não estava a ver outra solução melhor mas pensei, se calhar não vai dar certo. Porque a característica mais manifesta do Maniche é a abrangência de espaço, era mais pirilampo e para aquela posição do Costinha tinha que ser fixo. Mas eu não estava a ver, mas o que é facto é que ele jogou lá três meses e jogou fixo. Por isso é que faz sentido falar em Modelo de Jogo. Ele entendia o modelo de jogo, entendia que naquela posição as suas funções eram outras, logo a atitude é outra, a postura é outra ... Mas isto só se consegue se em concomitância evoluir um saber-fazer com um saber-sobre-esse-saber-fazer, há que dotá-los dessas intenções prévias. É por isso que eu digo, só o pensamento consciente é educativo,

portanto eu tenho que saber. Depois ele passa para o não consciente, mas não é a mesma coisa se ele passa em função de primeiramente ter sido consciente ou não ter sido. Por isso é que o Mourinho a treinar nunca dá as soluções. Ele pode ajudar a ir à procura delas mas não as dá, ele quer que sejam os jogadores a ir buscá-las. Agora, o constrangimento que ele coloca é que faz com que eles vão para onde ele quer. É por isso que ele fala em descoberta guiada, que aliás nem foi uma invenção dele, foi dos gajos da Educação. Agora, o que ele quer evidenciar é a intenção dele, ele dá temas e quer que os jogadores façam uma redacção sobre um determinado tema, uma redacção sobre a organização defensiva, por exemplo. E só assim é que faz sentido porque ele depois no jogo não pode estar a dizer cobre aqui, cobre ali, têm que ser os jogadores. Eu recordo-me quando ele estava cá contra o Sporting, a determinada altura o Porto marca o 2-0. O Fernando Santos, na altura treinador do Sporting, tira um lateral que era um transportador, que corria muito, e começa a jogar com três defesas. Entretanto, o Mourinho levanta-se e mostra três dedos, a dizer que eles iam jogar com três e que eles tinham que se posicionar de determinada maneira porque a forma de pressionar aqueles três era diferente. Portanto, os pontos de pressão, tal como os pontos de saída no jogo do Sporting, passavam a ser diferentes. E era diferente a bola passar pelos pés de A ou de B, ou seja, um era mais perigoso do que outro. Agora, na comunicação social vinha a dizer-se que o Mourinho estava a pedir o terceiro golo e não era nada. Portanto, só faz sentido utilizarmos terminologias de outras áreas se ao mesmo tempo pegarmos em coisas concretas que têm a ver com o jogar, que podem ser identificáveis melhor através disso. E nunca através do alienar a presença existencial e necessária de dois planos...E esses dois planos põem constrangimentos para que a equipa esteja equilibrada, quer no sector defensivo, quer no sector intermédio, quer no sector avançado com graus de liberdade diversos para cada um. Como lhe disse, o Arsenal não deixa de ter o sector defensivo por estar lá com dois. Agora, tem um grau de liberdade. ...

M.C. – Mas nesse caso, em termos colectivos o grau de liberdade é superior do que em termos sectoriais ou individuais para esses dois jogadores.

V.F. – ...exacto mas, eu estou a falar nos graus de liberdade no sector, mas isso é um raciocínio correcto. Restringe inclusivamente o crescimento, se calhar de graus de liberdade para cada sector, para que os jogadores que são representativos da existência do sector. A presença ainda do sector constrange-os ainda mais em relação aos graus limitativos. Sei lá, a situação de um jogador de meio-campo, por exemplo, esse jogador é responsável por ele e pelos outros dois que também lá deviam estar no meio-campo. Portanto ele está limitado, se calhar, para aquilo que é fundamental tendo em conta o que está a fazer, ou o que pode vir a fazer. Portanto, maiores preocupações em termos de equilíbrio defensivo.

Entrevista ao Prof. Vítor Frade 9 de Novembro de 2006  
12:30 (FCDEF)

M.C. - Existem jogadores que são reconhecidos pela sua assertividade táctica, pelo seu critério decisional. Essa capacidade, de errar pouco nas decisões, surge do treino? Há jogadores que até parece que já nasceram com ela...

V.F. - É obvio que nem toda a gente nasce com a mesma inteligência, portanto, por si próprio, ele pode ser já mais esclarecido na identificação das coisas. Depois o próprio meio, logo o imediato, onde um gajo cresce, pode ser facilitador mas, se calhar, a intervenção deliberada é sempre possível no sentido de proporcionar melhor a elucidação das coisas. Por exemplo, o João Moutinho tem dois irmãos mais velhos, que eu conheça, estou a falar um bocado de cor. O que é facto é que são jogadores de futebol, e são jogadores medianos... Por isso, do meu ponto de vista, aquilo que é fora de série no João Moutinho é precisamente essa capacidade, não só de interpretação ajustada do jogo, como também a interferência ajustada no jogo. Vê-se pela interferência dele no jogo do Sporting, é ele que impõe os ritmos... isto pode ter haver muito com ele próprio ... a gente sabe que o pai dele foi jogador de futebol, até foi um jogador vulgar. A família pode ter alguma influência, mas se for marcante poderia também ter influência nos outros irmãos. Agora, talvez se possa dizer que a regularidade dele, sempre a top, num miúdo daquela idade, também possa ter haver com a intervenção deliberada do seu treinador. O Paulo Bento, dado que me parece ter uma concepção de jogo, um modelo de jogo, ajuda-lhe a apurar a inteligência para o específico, para uma forma de entender o jogo que é a do Sporting, treinando essa forma de entender. Portanto, isto é um conjunto de coisas que, ao misturarem-se, proporcionam com mais facilidade que essa capacidade apareça. Mas sintetizando, o Mourinho diz que não tolera gajos burros e às vezes compra alguns, por isto ou por aquilo, e depois manda-os embora porque se calhar reconhece que eles são mesmo burros. Mas há indivíduos que não eram nada de muito especial, que pelo menos não eram fora de série, mas depois com o passar do tempo...

M.C. - Mas qual o papel do treino?

V.F. – Bem, eu também acho que a inteligência se treina, é evidente que é preciso condições especiais, mas também se treina porque, o que é ser inteligente? É resolver problemas que se colocam numa realidade. Portanto, o

tomar partido por uma forma de jogo, jogar em função dessa forma de jogo e treinar em função dessa forma de jogo pode-se predispor, para quem já tenha alguma sensibilidade para as coisas, para o aparecimento da inteligência para o apurar do solucionar esses problemas.

M.C. – Qual o papel do critério emocional nessa assertividade?

É uma inteligência muito especial. Porque é uma inteligência em movimento a inferir qualidade em situação grande tensão emocional. É evidente que, quando a inteligência se forma, forma-se também nesse jogo da razão e da emoção, da sentimentalidade e da facilitação no resolver das situações. Portanto é evidente que é...

V.F- Tendo em conta a construção de uma equipa, os princípios gerais do género “evitar a superioridade numérica” são globais, pouco caracterizadores. Para que se crie uma identidade colectiva é necessário recorrer a princípios de um modelo de jogo?

M.C.- É evidente que sim, a sua identidade não é resultante daquilo que nós temos em comum. O futebol tem regras e as regras impõem uma determinada lógica que é geral, não há futebol sem ataque, não há futebol sem defesa, não há futebol sem passar de um lado para o outro. Agora, o que distingue o verdadeiro futebol, é que há uma racionalização destes momentos em função da acentuação de uma lógica, da presença de determinadas dinâmicas. Não interessa fazer transições de qualquer modo, interessa fazê-las, fundamentalmente, de determinado modo. Portanto, pôr princípios para isso.

M.C. - O táctico é apenas o que acontece no momento?

F.C. - O táctico é e não é o que acontece no jogo. Porque no jogo estão duas equipas e se as equipas são de facto equipas a sério procuram sustentar o seu jogar no seu táctico, mas tendo em conta também o eventual jogar da equipa adversária, portanto também o estratégico. E o jogo é qualquer coisa diferente

do jogar. O jogar, que é aquele património matricial de uma equipa, e esse é que é o tático porque esse jogar é a impressão organizada de um propósito de jogo. Portanto, da presença de determinados princípios aos quais o treinador aderiu e em relação aos quais treinou para que aparecessem. Isso eu chamo o jogar, o jogar de uma equipa, o jogo é outra coisa, é de facto conflituosidade de dois jogares, mas esta conflituosidade de dois jogares também se faz no tático mas também no estratégico que é qualquer coisa de diferente do tático. O tático é uma regularidade que se manifesta numa equipa resultante da presença organizada de varias dimensões. Portanto, é a presença regular de determinados princípios, isso para mim é que é o tático, por isso é que eu lhe chamo uma emergência que acontece com tempo, resultante de um processo de treinabilidade, de uma lógica deliberada da opção por um certo jogar. Daí eu dizer que é o futuro! Portanto eu quando opto por isso, quando eu imagino isso, quando eu conjecturo isso, já é o tático, embora sendo um tático específico que eu pretendo, ele não deixa de não ser teórico ou abstracto, porque só na feitura é que ele se concretiza. Tudo isto é para frisar a importância do treino, porque é o treino que faz o tático, portanto, que produz o jogar e que produz a competição e não o contrário.